



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM ESTUDOS DA RELIGIÃO
Especialização: Estudos Bíblicos

MARIA DO CARMO PIZARRO DE MELLO TELLO
RASQUILHA DE LUCENA

**A Misericórdia de Deus nas palavras e na ação de
Jesus**

Estudo do texto Jo 8, 1-11

Dissertação Final
sob orientação de:
Professora Doutora Luísa Maria Varela Almendra

Lisboa
2013

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	2
I. - CAPÍTULO: O CONCEITO DE MISERICÓRDIA NO ANTIGO E NO NOVO TESTAMENTO	3
1. Um olhar sobre o termo “misericórdia” no Antigo Testamento	3
2. As abordagens ao termo “misericórdia” no Novo Testamento	7
2.1 O termo ἔλεος e os seus derivados	7
2.2 O termo οἰκτιρμός e os seus derivados	9
2.3 O termo σπλάγχνα e os seus derivados	10
3. Conclusão	11
II. - CAPÍTULO: UMA ALUSÃO INVULGAR À MISERICÓRDIA (JO 8, 1-11)	12
1. Problemas de autoria e canonicidade	12
2. Traços hermenêuticos mais relevantes do texto	15
3. Simbologia do texto	21
4. Conclusão	22
III. - CAPÍTULO: JESUS E A MISERICÓRDIA	26
1. Jesus fala sobre a misericórdia	26
1.1 A parábola do Bom samaritano	27
1.2 A parábola do Pai Misericordioso	30
2. O agir misericordioso de Jesus	34
3. Conclusão	40
IV. - CAPÍTULO: A NOVIDADE DE JESUS NO CONTEXTO DE UMA PERCEÇÃO BÍBLICA DA MISERICÓRDIA	41
1. Jesus, a encarnação da misericórdia de Deus	41
2. Jesus aperfeiçoa a lei na perspectiva do reino de Deus	46
3. Conclusão	51
CONCLUSÃO	53
BIBLIOGRAFIA	55

INTRODUÇÃO

Esta dissertação constitui uma tentativa de compreensão do testemunho bíblico (no Novo Testamento) da misericórdia de Deus. Na pessoa de Jesus Cristo a vontade de Deus aparece expressa no desejo de que as pessoas tenham vida e vida em abundância (cf. Jo 10, 10). Hoje, como no tempo de Jesus, a fragilidade e o sofrimento fazem parte da condição humana, a “globalização da indiferença”, nas palavras do Papa Francisco, surge como uma ameaça constante, por isso continuamos a necessitar de tomar consciência do que significa esta misericórdia.

Uma das facetas de Deus que mais me fascina, é o seu amor misericordioso e o meu objetivo ao fazer este estudo, é aprofundar a maneira como Jesus anunciou esse amor de Deus não só com palavras, mas sobretudo com a sua vida. Ao mesmo tempo perceber como Jesus foi uma novidade para o seu tempo e, apesar da sua proposta radical, reconhecer como ele continua a ser um desafio cativante, para aqueles que O querem seguir.

Para a concretização deste trabalho basear-me-ei, sobretudo, na passagem conhecida como “A mulher adúltera” (Jo 8, 1-11). Apesar de nesta narrativa não se usar um vocabulário específico da misericórdia, tentarei demonstrar como a maneira misericordiosa de amar de Jesus não está condicionada a um código linguístico, mas à essência do Seu ser. A minha abordagem não terá alcançado o rigor e a exaustão que uma exegese aprofundada merecia. Porém, isso não afetou a seriedade que procurei dar ao tratamento do tema. Farei ainda uma análise de duas parábolas e de alguns episódios da vida de Jesus com o intuito de melhor ilustrar a ideia que me propus desenvolver.

Quanto à estrutura, a dissertação tem início no I capítulo com um estudo semântico do termo “misericórdia” no Antigo e no Novo Testamento e o seu sentido teológico. No II capítulo analisarei o texto de Jo 8, 1-11, a partir dos seus mais relevantes traços hermenêuticos, para salientar a novidade da atuação misericordiosa de Jesus face a uma pecadora. No III capítulo esta análise é corroborada com o apoio de duas parábolas contadas por Jesus: “O Bom Samaritano” e “O Pai Misericordioso” no Evangelho de Lucas. Apresentarei ainda uma reflexão sobre alguns episódios da vida de Jesus, que pretendem demonstrar que Ele foi a encarnação da misericórdia de Deus. No IV capítulo tentarei destacar de forma mais aprofundada a novidade que Jesus veio trazer neste campo da misericórdia. Este capítulo é de certa forma uma conclusão de toda a reflexão feita nos três anteriores. Por fim apresentarei sucintamente as linhas de conclusão de todo o trabalho.

I. - CAPÍTULO: O CONCEITO DE MISERICÓRDIA NO ANTIGO E NO NOVO TESTAMENTO

O primeiro capítulo tem como objetivo uma abordagem ao vocabulário específico, que traduz a noção de misericórdia no Novo Testamento¹ e o seu significado teológico. Consciente da interdependência entre o AT e o NT pareceu-me pertinente olhar para a forma como esta palavra foi usada no AT, para melhor se compreender a continuidade e novidade do seu sentido no NT.

1. Um olhar sobre o termo “misericórdia” no Antigo Testamento

A palavra hebraica que se costuma traduzir por ‘misericórdia’ é חֶסֶד (*hesed*) e aparece duzentas e quarenta e cinco vezes no Antigo Testamento. Na tradução grega dos LXX utilizou-se a palavra $\epsilon\lambda\epsilon\omicron\varsigma$ (*éleos*). Em português, a tradução daquele termo hebraico estende-se por um vasto campo semântico: amor, bondade, perdão, clemência, benevolência, paciência, compaixão, ternura, piedade, esmola e hospitalidade, mas o termo mais frequente parece ser misericórdia.

Nos livros do AT, este termo foi usado na esfera das relações humanas, para descrever a relação íntima entre parentes ou amigos, a relação entre soberano e súbditos ou entre duas partes antagónicas. No âmbito mais íntimo, חֶסֶד manifestava-se na ajuda ou num gesto de bondade para com um familiar ou amigo. Na relação entre pessoas com pouca intimidade, expressava-se através de um gesto de bondade inesperado, ou na intervenção a favor de alguém que estivesse a sofrer: a libertação de um prisioneiro ou a hospitalidade a um estrangeiro. A um dado momento deu-se a expansão do conceito de חֶסֶד da esfera secular e privada, para a esfera religiosa. Para o povo de Israel isso aconteceu a partir do momento em que ele se reconheceu como o povo eleito de Deus, com quem celebrou uma Aliança.

חֶסֶד significa literalmente *comportamento conforme à Aliança* e tornou-se uma palavra central para descrever a relação de Deus com o povo de Israel². O facto de Deus ter estabelecido uma Aliança com o povo de Israel, levava-O a prover a todas as suas necessidades, apesar da sua liberdade para o fazer ou não,³ como se pode ler no seguinte

¹ Usarei as abreviaturas AT e NT respetivamente para Antigo Testamento e Novo Testamento.

² Cf. “Love (OT)”, in FREEDMAN, D. N., *The Anchor Bible Dictionary*, Vol. IV, Doubleday, New York, 1992, 378.

³ Cf. C. SPICQ, *Theological Lexicon of the New Testament*, Vol. I, Hendrickson Publishers, Peabody, 1994, 474

trecho do livro do Êxodo: “Concedo a minha benevolência a quem Eu quiser, e uso de misericórdia com quem for do meu agrado.” (Ex 33, 19b).⁴

A convicção do povo de Israel de que Deus é sempre fiel, fundamentava-se na experiência da sua libertação (quando era escravo no Egito), vivida no êxodo, onde Deus esteve atento à aflição do seu povo e o libertou (cf. Ex 3, 7ss). Aqui eles viram o amor e a compaixão de Deus:

“Vou recordar as misericórdias (חַסְדֵי יְהוָה) do Senhor...toda a sua bondade para com o povo de Israel... Em todas as suas aflições, não foi um mensageiro nem um enviado que os salvou, mas foi Ele em pessoa. Com o seu amor e ternura livrou-os do perigo, sustentou-os e amparou-os constantemente nos tempos antigos” (Is 63, 7.9).

O próprio Deus se foi autorrevelando na história da salvação como um Deus misericordioso e essa é a fé do povo de Israel:

“O Senhor passou em frente de Moisés e exclamou: Ó senhor! Ó senhor! Deus bondoso e clemente, vagaroso na ira, cheio de misericórdia (חַסְדֵי יְהוָה) e de fidelidade, que mantém a sua graça até à milésima geração, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado, mas não declara inocente o culpado...” (Ex 34, 6-7).

Quem recebia um gesto de misericórdia devia responder com um gesto semelhante, para com a pessoa de quem o recebia. Mas como isso nem sempre acontecia, aquele que praticava a misericórdia ficava à espera de retribuição por parte de Deus. Vemos este tipo de pensamento no Livro dos Provérbios (cf. Pr 3, 33; 11, 25).

No meio secular e privado, pelo facto de se englobar a bondade e a piedade associadas a um compromisso mútuo, o conceito de misericórdia tem também uma componente normativa. Quando se entra no meio religioso, essa rigidez normativa desaparece e a ênfase é posta na misericórdia divina e na graça.⁵ Deus que é bondoso e misericordioso, está sempre disposto a perdoar. Deste modo, deve-se entender que a bondade de Deus e a sua misericórdia não se baseiam numa obrigação legal decorrente da Aliança com Israel, mas ao contrário, essa Aliança é que se baseia na bondade e misericórdia de Deus e, por isso, é inviolável e eterna. A fidelidade de Deus não é algo obrigatório, mas sim algo que ocorre como consequência do Seu amor misericordioso.

⁴ Todas as citações bíblicas neste trabalho foram tiradas da seguinte fonte: Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, Lisboa-Fátima, 1998.

⁵ Cf. H.-J. ZOBEL, “חֶסֶד ḥesed”, in G. J. BOTTERWECK, *Theological Dictionary of the Old Testament*, Vol. V, Grand Rapids, Michigan, 1986, 63.

A experiência religiosa do povo eleito é de que este responde frequentemente com infidelidade à fidelidade de Deus. Por vezes Deus castiga-o, mas persiste em ser benevolente e em perdoar. Nisto consiste a Sua infinita misericórdia patente no pensamento dos profetas, como podemos ver em Isaías: “Num acesso de ira e por um instante, escondi de ti a minha face, mas Eu tenho por ti um amor eterno. É o Senhor teu redentor quem o diz.” (Is 54, 8). Por isso os profetas exortam o povo a não esquecer a Aliança, a arrepender-se e a converter-se a um Deus de amor misericordioso e eterno. Veja-se o Profeta Joel: “Rasgai os vossos corações e não as vossas vestes, convertei-vos ao Senhor vosso Deus, porque Ele é clemente e compassivo, paciente e rico em misericórdia (וְרַב־חַסְדֹּד)” (Jl 2, 13).

E ainda Jeremias: “Amei-te com um amor eterno. Por isso dilatei a misericórdia (דַּחַסְדֹּד) para contigo.” (Jr 31, 3).

Com o profeta Oseias a misericórdia de Deus atinge a máxima expressão. Ele vai utilizar a metáfora do casamento para definir a Aliança entre Deus e o seu povo. Vivia-se um tempo conturbado em Israel e o povo era muitas vezes infiel a Deus e aos seus mandamentos. Oseias compara a infidelidade do povo que viola a Aliança, a uma prostituta. Ele transmite ao povo que Deus decide não ter mais compaixão dele (cf. Os 1, 6). Mas a verdade é que Deus não é capaz de levar isso adiante, decide amar a “esposa infiel”, voltar a conquistá-la e ela há-de reconhecê-lo como o Senhor: “Israel, o meu casamento contigo é eterno, e este casamento terá para sempre lealdade e justiça, amor (וּבְחַסְדֹּד) e ternura. Vou-me casar contigo e serei fiel e tu há-de reconhecer que eu sou o Senhor.” (Os 2, 21-22).

Deus inflama-se de compaixão e a sua misericórdia vence a justiça. A divindade de Deus torna-se patente na sua misericórdia pois esta é expressão da essência divina⁶. Nunca o ser humano consegue retribuir a Deus a Sua bondade, mas deve refletir essa gratidão na relação com o seu próximo, devendo manifestar para com ele a bondade que experimentou da parte de Deus. O Deus da misericórdia pede aos que nele acreditam que também exerçam a misericórdia para com os seus semelhantes (cf. Mq 6,8; Zc 7, 9-10).

Nos Salmos está muito presente este conceito da misericórdia de Deus, retomando-se a linguagem de fé expressa no êxodo, em particular no Sl 103: “O Senhor é misericordioso (דַּחַסְדֹּד) e compassivo, é paciente e cheio de amor (וְרַב־חַסְדֹּד) ” (Sl 103,8). O Salmista maravilha-se com a exuberância espantosa da misericórdia de Deus: de tão transcendente e tão próxima, ela é capaz de ultrapassar todo o mal: “Como é grande a distância dos céus à terra, assim são grandes os seus favores para os que O temem. Como o Oriente está afastado

⁶ Cf. W. KASPER, *La misericordia: Clave del Evangelio y de la vida cristiana*, Sal Terrae, Santander, 2012, 55-56.

do Ocidente, assim Ele afasta de nós os nossos pecados.” (Sl 103, 11-12).

O povo quando passa por grandes dificuldades dirige-se a Deus pedindo a sua misericórdia. O mesmo se verifica quando está arrependido dos seus pecados. Nesses momentos, suplica o perdão de Deus, tal como acontece no Sl 51, conhecido como o ‘Miserere’, palavra com a qual começa, na tradução latina da Vulgata: “Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade; pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado.” (Sl 51, 3). Por vezes o salmista agradece que Deus tenha atuado com amor misericordioso, como acontece no Sl 89: “Hei-de cantar para sempre a misericórdia do Senhor; a todas as gerações anunciarei a sua fidelidade.” (Sl 89, 2).

Outra palavra que está ligada ao conceito de misericórdia, mas que maioritariamente se traduz por ‘compaixão’, é o termo hebraico רַחֲמִים (*raḥamim*), que designa o apego instintivo de um ser a outro, sentimento que tem a sua sede no seio materno רֶחֶם (*réhem*) ou nas entranhas (*raḥamim*), que para nós será no coração⁷. Daí que Deus seja comparado a um pai ou a uma mãe que não pode deixar de mostrar a ternura e a compaixão pelos seus filhos. A misericórdia de Deus é, sem dúvida, a Sua grandeza e a Sua transcendência, mas ela é também reveladora da Sua humanidade. É frequente encontrarmos esta ideia nos profetas:

“Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé, não ter carinho (מֵרַחֵם) pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria. Eis que Eu gravei a tua imagem na palma das minhas mãos” (Is 49,15-16).

“Lá do alto dos céus, repara, e contempla da tua santa e gloriosa morada. Onde estão o teu zelo e a tua valentia? Onde está a emoção das tuas entranhas? Já se esgotou a tua compaixão (וְרַחֲמֶיךָ) para comigo? Mas Tu és o nosso pai! (...) Só Tu, Senhor, és o nosso pai, e o teu nome, desde sempre, é ‘Redentor nosso’” (Is 63, 15-16).

“Quando Israel era ainda menino, Eu amei-o, e chamei do Egipto o meu filho. (...) Entretanto, Eu ensinava Efraim a andar, trazia-o nos meus braços, mas não reconheceram que era Eu quem cuidava deles. Segurava-os com laços humanos, com laços de amor, fui para eles como os que levantam uma criancinha contra o seu rosto; inclinei-me para ele para lhe dar de comer. (...) Como poderia abandonar-te, ó Efraim? Entregar-te, ó Israel? (...) O meu coração dá voltas dentro de mim, comovem-se (וְרוּמָם) as minhas entranhas” (Os 11, 1.3.4.7.8).

O mesmo conceito da compaixão maternal/paternal de Deus aparece nos Salmos: “Como um pai se compadece dos filhos, assim o Senhor se compadece dos que O temem” (Sl 103, 12-13).

⁷ Cf. X. LÉON-DUFOUR, “Misericórdia”, in X. LÉON-DUFOUR (Org.), *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Vozes, Petrópolis, R.J., 1972, 594.

2. As abordagens ao termo “misericórdia” no Novo Testamento

A palavra ‘misericórdia’ expressa em português o sentido de três substantivos gregos utilizados no NT: *ἔλεος* (*éleos*), *οἰκτιρμός* (*oiktirmós*), e *σπλάγχνα* (*splánchna*). De seguida analisarei cada um destes termos assim como a sua amplitude semântica, integrados nos respetivos textos bíblicos.

2.1 O termo *ἔλεος* e os seus derivados

O substantivo *ἔλεος* pode traduzir-se por *misericórdia*, *compaixão*, ou *piedade* e aparece vinte e sete vezes no NT.⁸ Surgem naturalmente palavras derivadas desta, como *ἐλεῶ* ou *ἐλεέω* que são formas verbais que significam *compadecer-se*, *ter misericórdia de* ou *apiedar-se*.⁹ A primeira forma verbal surge em três ocasiões no NT: Rm 9, 16 e Jd 22.23; o segundo verbo aparece vinte e nove vezes; o adjectivo *ἐλεήμων* que designa alguém *misericordioso* ou *compassivo* só aparece em dois momentos no NT: Mt 5, 7 e He 2, 17; o adjectivo *ἐλεεινός* que se refere a uma *situação lastimosa* ou *digna de lástima* também surge apenas em duas passagens: 1 Cor 15, 9 e Ap 3, 17; e por fim a palavra *ἐλεημοσύνη*, que surge em treze ocasiões e que significa *esmola* ou *beneficência*. Aparece três vezes em Mateus, duas em Lucas e oito nos Atos dos Apóstolos. Ela tem normalmente o significado de *compaixão* para com os pobres, não apenas como um sentimento, mas como a ação de dar esmola (cf. Mt 6, 2; Lc 12, 33), o que também revela um coração puro (cf. Lc 11, 41)¹⁰. O substantivo e o verbo podem ter vários campos de significados:

a) A misericórdia de Deus para com as pessoas que sofrem, é especialmente demonstrada por Jesus através das curas que realiza nos relatos de milagres, nos Evangelhos Sinópticos. Dá-se “uma irrupção da misericórdia divina na realidade da miséria humana”¹¹. Aparece muitas vezes por meio de um pedido feito a Jesus, na forma imperativa, pelos próprios doentes ou por alguém da sua família (cf. Mc 10, 47 e par; Mt 15, 22; 17, 15; Lc 17, 13) e dá lugar à atuação de Jesus que cura física e espiritualmente. Muitas vezes os que lhe

⁸ Cf. F. STAUDINGER, “ἔλεος, οὐς, τό”, in H. BALZ – G. SCHNEIDER (Eds.), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento I*, Sígueme, Salamanca, 1996, 1311.

⁹ Cf. H.-H. ESSER, “Misericordia”, in L. COENEN – E. BEYREUTHER – H. BIETENHARD, *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*, Vol III, Sígueme, Salamanca, 1983, 99.

¹⁰ Na versão grega dos LXX utilizou-se este termo para designar a ação de socorrer os pobres e para mostrar a clemência de Deus para com o seu povo ou para com as pessoas justas. Normalmente ele traduz a palavra hebraica *שְׂדָאָה* (*šdāqāh*) (justiça) (cf. Is 1, 27).

¹¹ H.-H. ESSER, “Misericordia”, 100.

pedem auxílio tratam-no por “Filho de David” e Mateus no seu Evangelho acrescenta o título de “Senhor”; assim “o grito de socorro ‘Senhor, tem compaixão (ἐλέησόν) de mim’ converte-se numa profissão de fé no poder divino de Jesus” (Mt 15, 22) ¹².

b) A misericórdia de Deus em Lc 1 vai buscar o sentido veterotestamentário de misericórdia, como fidelidade de Deus à Aliança com o povo de Israel, elo mais fraco da Aliança, mas que Deus não abandona (cf. Lc 1, 50. 54. 58. 72. 78).

A misericórdia de Deus atinge o auge com a entrega que Deus faz de si mesmo aos homens, na encarnação do Seu Filho, por isso Lucas vai utilizar esse conceito no Evangelho da infância de Jesus¹³.

c) Citando o profeta Oseias, Mateus refere que Jesus prefere a misericórdia aos sacrifícios (cf. Mt 9, 13; Os 6, 6). Neste contexto Mateus mostra que foi chamado a seguir Jesus, ele que antes era pecador, mas que pela misericórdia de Jesus foi salvo. Ainda neste sentido Jesus condena os fariseus e os doutores da lei, chamando-lhes hipócritas, quando fingem preocupar-se em cumprir a lei, mas descuidam o mais importante da mesma: a justiça, a misericórdia e a fidelidade (cf. Mt 23, 23).

d) Na sequência da misericórdia de Deus, cada pessoa deve exercer a misericórdia para com o seu semelhante que dela necessita. Um dos episódios mais belos e elucidativos do exercício da misericórdia para com outro ser humano é descrito na parábola do bom samaritano (cf. Lc 10,25-37). Na parábola do devedor impiedoso, Mateus mostra que a misericórdia para com o outro deve ser proporcional à misericórdia que o primeiro recebeu de Deus (cf. Mt 18, 33). A mesma ideia pode ver-se expressa em Tg 2,13, onde se diz que quem não pratica a misericórdia, será julgado sem ela. Pode ainda vislumbrar-se a mesma intenção, mas formulada de maneira positiva, nas bem-aventuranças referidas por Mateus, onde se expressa que aqueles que são misericordiosos, alcançarão de Deus a misericórdia (cf. Mt 5,7).

e) Nos escritos de Paulo este alega que Deus usa de misericórdia com quem quer, na sequência do que se dizia no livro do Êxodo (cf. Rm 9, 16; Ex 33, 19), mas como é misericordioso, Deus chama judeus e pagãos e a todos quer salvar. Noutro tempo, os gentios desobedeceram, mas com Jesus Cristo, alcançaram misericórdia. Os judeus desobedeceram por não acreditar em Jesus Cristo, mas também eles alcançarão misericórdia (cf. Rm 9; 11).

¹² *Ibidem.*

¹³ Cf. F. STAUDINGER, “ἐλεος, οὐς, τό”, 1315.

Paulo refere que o seu próprio ministério se funda na misericórdia de Deus, já que ele não era digno, pois tinha sido perseguidor e violento (cf. 1Tm 1, 13.16). Descreve também que a salvação de todos os homens é possível graças à misericórdia de Deus, através de Jesus Cristo e não graças às obras que as pessoas tenham feito (cf. Tt 3, 5). Por isso também os gentios são chamados à salvação pela misericórdia de Deus (cf. Rm 15, 9). No mesmo sentido, a 1ª carta de Pedro refere que os gentios antes não eram povo, mas agora já são povo de Deus, pela Sua misericórdia (cf. 1 Pe 2, 10).

Paulo alimenta a ideia da alegria aliada à prática da misericórdia e na carta aos Romanos convida a praticar a misericórdia com alegria (cf. Rm 12, 8), pois “Deus ama a quem dá com alegria” (2 Cor 9, 7).

f) A carta aos Hebreus refere-se a Cristo como Sumo Sacerdote que, ao fazer-se Homem, se tornou solidário com a humanidade, compadecendo-se das nossas fraquezas. Assim, podemos aproximar-nos d’Ele com confiança para alcançar a Sua misericórdia (cf. He 4, 16).

2.2 O termo *οἰκτιρμός* e os seus derivados

Οἰκτιρμός tal como o termo anterior, pode traduzir-se por *compaixão*, *piedade* ou *misericórdia*. O adjetivo derivado é *οἰκτίρμων*, que se traduz por *misericordioso* ou *compassivo*. O verbo *οικτίρειν* ou *οἰκτίρω* significa *ter compaixão*, *compadecer-se* ou *apiedar-se*, tanto no aspeto de mero sentimento como no da misericórdia solícita e prática.¹⁴

No NT o substantivo *οἰκτιρμός* aparece quatro vezes nas cartas de Paulo (cf. Rm12, 1; 2Cor 3, 1; Fl 2, 1; Cl 3, 12) e uma na carta aos Hebreus (cf. Heb 10, 28). O verbo surge duas vezes em Paulo (cf. Rm 9, 15) e o adjetivo aparece duas vezes no Evangelho de Lucas (cf. Lc 6, 36) e uma na carta de Tiago (cf. Tg 5, 11).¹⁵

Jesus no discurso das bem-aventuranças em Lucas, exorta os ouvintes a serem misericordiosos tal como Deus Pai o é (cf. Lc 6, 36).

O mesmo sentido se pode ver nas cartas de Paulo: assim como Deus é misericordioso, também os cristãos devem mostrar os mesmos sentimentos para com os seus semelhantes, devendo revestir-se de “entranhas de misericórdia” (cf. Cl 3, 12; Fl 2, 1).

Na carta de Tiago este encoraja os irmãos a serem pacientes na espera e nos sofrimentos e cita o Sl 103, 8, onde se atribui a Deus a misericórdia e a compaixão (cf. Tg 5, 11).

¹⁴ Cf. H.-H. ESSER, “Misericórdia”, 102.

¹⁵ *Ibidem*, 103.

2.3 O termo *σπλάγχνα* e os seus derivados

Σπλάγχνα pode traduzir-se por *entranhas, coração, amor, ternura, compaixão*. Esta palavra já era utilizada por Homero (sec.VIII a.C.) e significava *as entranhas* (as partes mais nobres, como o coração, os pulmões ou o fígado) de um animal sacrificado. A partir de Esquilo (sec.V a.C.) passou a referir-se às *entranhas do homem*, especialmente aos órgãos sexuais masculinos e ao seio da mulher, passando depois a adquirir o sentido figurado de *coração* (sede dos sentimentos) e mais tarde o sentimento do *afeto* e do *amor*. Daqui deriva o sentido de *compaixão, ternura*.¹⁶

a) Nos Evangelhos Sinópticos, esta palavra aparece doze vezes em forma de verbo (*σπλαγχνίζομαι*), para designar a atitude de Jesus, cujo coração se comove face à miséria alheia e em consequência atua com o leproso (cf. Mc 1, 41), com o possesso (cf. Mc 9, 22), com os cegos (cf. Mt 20, 34), ante a viúva que chora a morte do filho único (cf. Lc 7, 13), ante a multidão que está cansada e abatida “como ovelhas sem pastor” (cf. Mt 9, 36). Jesus é descrito por estes evangelistas como o Filho de Deus que veio salvar os homens.

b) Ainda nos Evangelhos Sinópticos, surge este termo em três parábolas, para mostrar um sentimento de compaixão ou de amor ilimitado, da parte de Deus ou da parte de uma pessoa bondosa, para com alguém necessitado: são elas **a parábola do Pai misericordioso**, em que o pai perdoa e acolhe o filho ingrato (cf. Lc 15, 20), **a parábola do bom samaritano**, onde este age com compaixão para com um homem caído em desgraça (cf. Lc 10, 33) e **a parábola do devedor impiedoso**, em que o rei, movido de compaixão, perdoa a dívida ao servo, deixando-o ir em liberdade (cf. Mt 18, 27). Estas parábolas, especialmente a última, sugerem explicitamente que aquele que recebe a compaixão de Deus, deve por sua vez manifestá-la para com o seu semelhante em atos concretos, pois só assim põe em prática a vontade de Deus.

c) Nas cartas de Paulo esta palavra designa o homem todo, na sua capacidade de amar. Às vezes ela aparece traduzida por ‘coração’, mas refere-se ao centro da atividade geradora do amor, aos sentimentos ou à afeição por alguém. Paulo sente que o seu coração reflete os sentimentos do coração de Cristo (cf. 2 Cor 7, 15; Fl 1, 8). Nalguns casos o termo vem acompanhado por outro que tem um significado semelhante e o reforça (cf. Cl 3, 12; Fl 2, 1).

¹⁶ *Ibidem*.

É também assim que surge no Evangelho de Lucas: “...graças ao coração misericordioso do nosso Deus, que das alturas nos visita como sol nascente” (cf. Lc 1, 78).

Na carta a Filémon, Paulo emprega três vezes esse vocábulo, o que mostra o seu envolvimento emocional em relação a Onésimo, que é para ele como um filho querido: “É ele que eu te envio: ele, isto é, o meu próprio coração (σπλάγχνα).” (cf. Flm 7. 12. 20).

d) Na 1ª carta de João o termo surge com o sentido de ‘coração’ como centro da atividade que gera o amor, como se disse acima, denunciando uma pessoa que tem bens deste mundo e que fecha o coração a um irmão que passa necessidades (cf. 1 Jo 3, 17). No fundo são sentimentos de misericórdia que devem estar vivos no coração de todo o cristão¹⁷.

e) Nos Atos dos Apóstolos o vocábulo aparece com o sentido físico de ‘entranhas’, aludindo a quando Judas se suicidou e “todas as suas entranhas (σπλάγχνα) se espalharam” (Act 1, 18). No sentido físico esta palavra só aparece aqui, em todo o Novo Testamento.

3. Conclusão

O conceito de misericórdia surge na esfera secular, mas a um dado momento transfere-se para a esfera religiosa e passa a ser entendido pelo povo de Israel desde a perspectiva da Aliança estabelecida com Deus, baseada no Seu amor e fidelidade. Receber a misericórdia é uma experiência gratuita, não uma coisa que possa ser exigida pois Deus exerce-a quando e com quem Ele quer. A misericórdia não se opõe à justiça, mas leva-a à sua plenitude.

O perdão de Deus que aparece como uma oferta gratuita e que tem a ver com a abundância do seu amor misericordioso é dado em primeiro lugar ao povo de Israel, mas alguns textos mais tardios vão admitindo que Deus oferece o Seu perdão a todos os povos. Isto torna-se visível e eficaz no NT, pois com Cristo, a Aliança de Deus estende-se a toda a humanidade. A misericórdia de Deus atinge o seu auge em Jesus Cristo que a manifesta na relação com todos os homens e mulheres e em especial com os mais desfavorecidos. Por sua vez, todas as pessoas são convidadas a amar assim os seus irmãos, que em Cristo, não são apenas os do mesmo povo, raça ou religião, mas todo e qualquer ser humano.

¹⁷ Cf. N. WALTER, “σπλάγχνον, ου, τό”, in H. BALZ – G. SCHNEIDER (Eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento II*, Sígueme, Salamanca, 1996, 1473.

II. - CAPÍTULO: UMA ALUSÃO INVULGAR À MISERICÓRDIA (Jo 8, 1-11)

Neste capítulo irei analisar o texto bíblico conhecido comumente como “A mulher adúltera”. Apesar de não se encontrar aí um vocabulário específico relativo à misericórdia, o estudo visa a compreensão de uma teologia sobre a misericórdia, através do agir e das palavras de Jesus.

Muitos estudiosos, tais como R. Brown, J. Gnilka, Léon-Dufour, J. Mateos –J. Barreto e R. Schnackenburg, entendem que a perícopie em questão começa em Jo 7, 53 e não em Jo 8, 1 e que termina em Jo 8, 11, já que ela funciona como um todo, na maneira como aparece (ou não) no corpo deste Evangelho, ou do Evangelho de S. Lucas, no qual alguns a inserem. Neste estudo focarei apenas o texto de Jo 8, 1-11.

1 “Jesus foi para o Monte das Oliveiras. **2** De madrugada, voltou outra vez para o templo e todo o povo vinha ter com Ele. Jesus sentou-se e pôs-se a ensinar. **3** Então, os doutores da Lei e os fariseus trouxeram-lhe certa mulher apanhada em adultério, colocaram-na no meio **4** e disseram-lhe: ‘Mestre, esta mulher foi apanhada a pecar em flagrante adultério. **5** Moisés, na Lei, mandou-nos matar à pedrada tais mulheres. E Tu que dizes?’ **6** Faziam-lhe esta pergunta para o fazerem cair numa armadilha e terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinándose para o chão, pôs-se a escrever com o dedo na terra. **7** Como insistissem em interrogá-lo, ergueu-se e disse-lhes: ‘Quem de vós estiver sem pecado atire-lhe a primeira pedra!’ **8** E, inclinándose novamente para o chão, continuou a escrever na terra. **9** Ao ouvirem isto, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos, e ficou só Jesus e a mulher que estava no meio deles. **10** Então, Jesus ergueu-se e perguntou-lhe: ‘Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?’ **11** Ela respondeu: ‘Ninguém, Senhor.’ Disse-lhe Jesus: ‘Também Eu não te condeno. Vai e de agora em diante não tornes a pecar.’” (Jo 8, 1-11)

1. Problemas de autoria e canonicidade

A maioria dos exegetas está convencida, que originalmente, esta narrativa sobre “A mulher adúltera” não fazia parte do Evangelho de S. João e que terá sido aí inserida mais tarde, provavelmente no final do séc. III ou no sec. IV. Há várias razões para se pensar desta forma:

- a) A perícopie (Jo 7, 53-8, 11) não aparece nos manuscritos mais antigos: papiros de Bodmer 66 e 75 (do ano 200 da nossa era), códices Vaticanus, Sinaiticus (ambos do sec. IV), Alexandrinus e Rescriptus (ambos do sec. V);
- b) É ignorada pelos primeiros Padres da Igreja, tanto gregos como latinos, até ao sec. IV;
- c) O vocabulário que dela consta não é o mais usado neste Evangelho: por exemplo, S.

João só neste texto menciona o Monte das Oliveiras. Igualmente, só aqui é usada a palavra “doutores da Lei”, sendo frequente nos Evangelhos Sinópticos: vinte e duas vezes em Mateus (cf. Mt 5, 20; 12, 38; 23, 2); vinte e uma vezes em Marcos (cf. Mc 2, 16; 3, 22; 7, 1; 12, 38) e catorze vezes em Lucas (cf. Lc 5, 17.30; 6, 7; 11, 46.53). Do mesmo modo é este o único lugar do Evangelho de João onde Jesus é tratado por “Mestre”, ao passo que esse tratamento é comum nos Sinópticos (cf. Mt 8, 19; 19, 16; 22, 16; Mc 5, 39; 9, 5.17.38; 10, 17.35; 12, 14.19; Lc 3, 12; 10, 25; 20, 21.39);

d) A perícópe em estudo apresenta bastantes semelhanças a outras passagens dos Evangelhos, especialmente dos Sinópticos, nomeadamente a Lucas, no que toca às atitudes, não só de Jesus, como às dos fariseus e doutores da lei, no seu modo de interrogar Jesus para depois O acusar;

e) O estilo de relato mais descritivo e visual deste texto, não se assemelha aos longos diálogos de Jesus com os judeus, em S. João;

f) A teologia, especialmente no que toca à maneira de focar a misericórdia de Jesus, é mais comum a Lucas do que a João;

g) Esta narrativa parece interromper a sequência temática entre o capítulo 7º e o 8º do Evangelho de João.

Apesar da sua inserção tardia no corpo dos Evangelhos, alguns investigadores, tais como R. E. Brown, X. Léon-Dufour, A. Marchadour ou R. Schanckenburg¹⁸, estão convencidos que esta narrativa tem uma origem bastante antiga, podendo até ser histórica e que terá circulado na tradição oral dos primeiros tempos da Igreja. Os três primeiros autores citam Eusébio de Cesareia (265-340), que na sua “História Eclesiástica” conta que Papias, bispo de Hierápolis (início do sec. II), se refere à história de uma mulher que foi acusada de muitos pecados e perdoada por Jesus, contida no Evangelho dos Hebreus, mas não sabemos ao certo se se trata da mesma narrativa.

Neste caso, porque terá esta perícópe tardado a ser integrada nos escritos canónicos, pela Igreja primitiva? Uma das razões apontada por estudiosos como X. Léon-Dufour e R. Brown¹⁹ refere que o adultério, reprovado em Israel, era também um dos pecados considerados incompatíveis com a condição de batizado, podendo ser perdoado apenas uma vez através de penitência pública e provocando, se continuado, a exclusão da Comunidade. Por isso a atitude de Jesus nesta história poderia parecer muito permissiva. Pouco a pouco,

¹⁸ Cf. R.E. BROWN, *The Gospel According to John*, Garden City, New York, 1966, 335; R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, II (capítulos 5-12), Herder, Barcelona, 1980, 225; X. LÉON-DUFOUR, *Lecture de L'Évangile Selon Jean*, Tome II, (chapitres 5-12), Éditions du Seuil, Paris, 1990, 312-314; A. MARCHADOUR, “Venez et vous verrez” *L'Évangile de Jean*, Bayard, 2011, 227.

¹⁹ Cf. R.E. BROWN, *Idem*, 335; X. LÉON-DUFOUR, *Idem*, 313-314.

com o surgimento de novas práticas penitenciais, passou a ser permitido reintegrar esses “pecadores” na comunhão eclesial.

Este episódio aparece citado na *Didaskalia*, documento eclesiástico sírio do início do sec. III. S. Jerônimo manteve esta perícopa na Vulgata (fim do sec. IV), sendo que já aparecia antes nalgumas versões da Vetus Latina. Santo Ambrósio (340-397) e Santo Agostinho (354-430) defendem-na como canónica. O primeiro manuscrito grego que a contém é o Codex Bezae (sec. V).

A Igreja Católica aceita-a como canónica, pois usou a Vulgata como a sua Bíblia durante séculos, assim como a maioria das Igrejas cristãs não católicas.

Outra questão, na qual os exegetas se dividem, é quanto à sua atual localização. J. Carreira das Neves, R. Brown e R. Schnackenburg²⁰ são alguns que a comentam na sua inserção canónica; outros colocam-na depois de Jo 7, 36; J. Mateos - J. Barreto e C.K. Barrett²¹ falam dela em apêndice, nos seus comentários ao Evangelho de João. Até porque há manuscritos que a situam no final deste Evangelho.

J. Konings e J. Rius-Camps, citado por L. Devillers²², inserem este episódio na continuação de Lc 21, 38, pois assim também o fazem alguns códices. Uma das razões a seu favor é o vocabulário e o estilo da narrativa, muito mais comum a Lucas do que a João, como já se referiu. Outra razão prende-se com a sequência narrativa, já que o versículo anterior (cf. Lc 21, 37) fala precisamente de que Jesus ensinava no Templo e passava a noite no Monte das Oliveiras. Este Evangelho é o único que se refere a esse local, como sendo aquele onde Jesus pernoitava quando da sua última estadia em Jerusalém. Marcos, por exemplo, refere-se a Betânia (cf. Mc 11, 11). Outra razão apontada está relacionada com a teologia de Lucas, pois o tema do perdão e da misericórdia de Jesus é característico deste Evangelho.

Aqueles que defendem a sua atual inserção no Evangelho de João, justificam-no sobretudo como um episódio que ilustra os temas dos capítulos 7º e 8º deste Evangelho: Jesus está no Templo a ensinar; apresenta várias referências à lei de Moisés e há divergências na maneira de a interpretar; os fariseus e outros aparecem com vontade de prender Jesus (cf. Jo

²⁰ Cf. R.E. BROWN, *Idem*, 335-336; J. C. das NEVES, *Escritos de S. João*, Universidade Católica, Lisboa, 2004, 173; R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, 225-226; G.R. O'DAY, “The Gospel of John: Introduction, Commentary, and Reflections”, in *The New Interpreter's Bible IX*, Abingdon Press, Nashville, 1995, 627-628.

²¹ Cf. C.K. BARRETT, *The Gospel According to St. John*, London, 1955, 490-492; J. MATEOS-J. BARRETO, *El Evangelio de Juan*, Cristiandad, Madrid, 1979, 356.

²² Cf. J. KONINGS, *Evangelho Segundo João: Amor e fidelidade*, Loyola, São Paulo, 2005; J. RIUS-CAMPS, *Origen lucano de la pericopa de la mujer adúltera (Jn 7, 53-8. 11)*. Citado por L. DEVILLERS, *Études Bibliques – La fête de L'Envoyé – La Section Johannique de la Fête des Tentés (Jean 7, 1-10, 21) et la Christologie*, J. Gabalda et Cie, Paris, 2002, 350.

7, 45); aborda-se o tema do julgamento e Jesus diz para não julgarem segundo as aparências (cf. Jo 7, 24), já que Ele não julga ninguém (cf. Jo 8, 15).

Mesmo assim, exegetas como R. Schnackenburg, que comentam esta perícopa na sua localização canônica, dizem senti-la como um “corpo estranho” ao Quarto Evangelho²³.

2. Traços hermenêuticos mais relevantes do texto

Jesus é visto como “Mestre” (*Διδάσκαλε*) porque está no Templo de Jerusalém a ensinar e muita gente vai ter com Ele para O escutar (cf. v. 2). Tanto os Evangelhos Sinópticos como o Evangelho de João descrevem Jesus a ensinar no Templo. Esta passagem refere que Jesus voltou, o que significa que já lá tinha estado antes. Se realmente o texto está inserido no seu lugar original, é verdade que segundo João, Jesus vai a Jerusalém pela festa das Tendas e sobe ao Templo onde se põe a ensinar (cf. Jo 7, 14). Os “mestres” sentavam-se para ensinar, tal como Jesus o faz. Conheciam bem a lei e podiam falar ou ser consultados a esse respeito. Não é pois de estranhar, que assim O tratem os doutores da lei e os fariseus (cf. v. 4).

Como já se referiu, este é o único lugar no Evangelho de João onde aparece a palavra *γραμματεὺς*, que se traduz por “doutores da lei” ou “escribas”. Nos Sinópticos ela aparece com frequência ligada aos fariseus, tal como aqui. Os primeiros faziam parte de um dos poucos grupos que sabia escrever. Conheciam bem a lei, estudavam-na, interpretavam-na e ensinavam nas Sinagogas ou no Templo. Os fariseus eram uma seita que tinha uma boa formação sobre a lei e que procurava cumpri-la com rigor. Fala-se nos doutores da lei e nos fariseus para que não se confundam, pois muitas vezes andavam juntos e defendiam interesses comuns, mas eram grupos diferentes. No entanto, havia doutores da lei que pertenciam à seita dos fariseus.

Os doutores da lei e os fariseus pediram a Jesus para se pronunciar sobre a situação de uma mulher apanhada em flagrante adultério: “E Tu que dizes?” (cf. v. 5). Analisemos os possíveis motivos que os levaram a trazer esta mulher a Jesus. Porém é importante recordar antes o que diz a lei de Moisés em relação ao adultério:

“Se um homem cometer adultério com a mulher do seu próximo, o homem adúltero e a mulher adúltera serão punidos com a morte”(Lv 20, 10).

“Quando um homem que desposou uma mulher e coabitou com ela vem depois a aborrecê-la e, levantando-lhe acusações, a difame, dizendo: ‘casei com esta mulher, mas ao aproximar-me dela, não a encontrei virgem’(...) se a acusação for verdadeira e não houver provas da

²³ Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, 235-236.

virgindade da donzela, levarão a donzela até à entrada da casa de seu pai e os habitantes daquela cidade apedrejá-la-ão até que morra, porque cometeu uma infâmia em Israel, desonrando a casa de seu pai” (Dt 22, 13-14. 20-21).

“Quando um homem for surpreendido a dormir com uma mulher casada, ambos deverão morrer; o homem que dormiu com a mulher e também a mulher” (Dt 22, 22).

“Quando uma donzela, ainda virgem, mas já noiva, for encontrada na cidade por um homem que durma com ela, levareis os dois à porta dessa cidade e apedrejá-los-eis até que morram: a donzela, por não ter pedido socorro na cidade, e o homem, por ter abusado da noiva do seu próximo” (Dt 22, 23-24).

Podemos pensar que os que levaram a mulher a Jesus, queriam que ela fosse julgada em “praça pública”, para lhe ser aplicada a lei de Moisés e queriam a opinião de Jesus a esse respeito, já que Ele era visto como Mestre e conhecedor da lei. Neste caso, ela ainda não teria sido julgada pelo tribunal judaico. Os que sustentam esta posição, baseiam-se numa tradição segundo a qual, por volta do ano 30, os romanos teriam tirado ao tribunal judaico (Sinédrio) o poder de julgar, na situação de estar em causa a sentença de pena de morte. Não se sabe ao certo se esta tradição é verídica, mas caso o seja, então é possível que os doutores da lei e os fariseus quisessem que a mulher fosse julgada publicamente.

Contra esta hipótese pode-se alegar que nem sequer estão reunidas as condições para um julgamento de acordo com a lei. No caso de adultério, as pessoas que o cometiam tinham que ser apanhadas no próprio ato, o que, segundo o v.4, parece ter acontecido, mas não são mencionadas as testemunhas requeridas pela lei para que alguém possa ser acusado: “Um testemunho isolado não será suficiente contra uma pessoa, seja qual for o seu crime, a sua culpa ou o pecado de que for acusado; só com o depoimento de duas ou três testemunhas é que o caso será tomado em conta.” (Dt 19, 15).

Por outro lado, não se fala no homem adúltero, que segundo a lei deveria ser também condenado à morte. Os acusadores aqui manipulam o texto da lei, já que apenas referem que Moisés mandou apedrejar “tais mulheres” (cf. v. 5). Isto mostra que os escribas e fariseus, neste caso, não estavam interessados na reta interpretação e aplicação da lei. Qual era então o seu objetivo? Que a mulher fosse condenada a qualquer custo ou tinham outro interesse oculto? Na opinião de Derrett²⁴ os fariseus e a multidão queriam levar para a frente o linchamento da mulher, através de apedrejamento.

²⁴ Cf. J.D.M. DERRETT, “Law in The New Testament: The Story of the Woman taken in Adultery”, *NTS* 10 (1964) 10-11.

Podemos ainda supor que, a mulher já tinha sido julgada e condenada pelo Sinédrio, mas os acusadores levaram-na a Jesus porque queriam que se pronunciasse sobre a pena a aplicar, de acordo com a lei de Moisés, que segundo os mesmos, seria a condenação à morte por apedrejamento (cf. v. 5). J. Jeremias citado por R. Schnackenburg²⁵ defende esta posição. A lei fala apenas em apedrejamento no caso de uma mulher repudiada por não ser virgem ao casar, ou de uma virgem já noiva, que tenha sido abusada por outro homem. Isto levou a que alguns estudiosos pensassem que a mulher em questão estava numa destas duas situações, mas é entendimento generalizado, que ao tempo de Jesus a pena tradicional para o adultério, era a morte por apedrejamento. Só mais tarde, depois da queda do Templo de Jerusalém, no ano Setenta da nossa era, é que os fariseus começaram a aplicar a pena de estrangulamento a quem cometia adultério²⁶.

Segundo L. Morris²⁷, no tempo de Jesus, apesar do adultério ser frequente, não era comum aplicar-se-lhe a pena de morte. Era mais habitual que o marido se divorciasse da mulher adúltera e que o homem adúltero compensasse de alguma forma o marido enganado. Talvez para não entrar em litígio com os romanos, que impediam que os judeus aplicassem a pena de morte. Deste modo, esta pergunta a Jesus poderia servir apenas para confirmar a sentença condenatória segundo a lei de Moisés, uma vez que havia dúvidas quanto à aplicação da mesma. Esta hipótese teria alguma consistência se não houvesse toda uma sequência no texto, que nos leva, não só a perceber outras intenções por detrás da pergunta dos fariseus e dos doutores da lei, como a ver que afinal nenhum deles condenou a mulher. Além disso, seria pouco provável que depois de um julgamento pelo mais alto tribunal judaico, o Sinédrio, deixassem a sentença nas mãos de Jesus, a quem eles não reconheciam tal autoridade²⁸.

Há ainda a possibilidade de quererem que Jesus se pronunciasse sobre aquela questão, para que de acordo com a sua resposta, pudessem acusá-lo. Esta é a hipótese mais provável e aquela que a maioria dos comentadores defende, até pelo teor do v. 6a.

Segundo C. Turiot, os doutores da lei e os fariseus queriam mostrar a incompetência de Jesus no que toca ao ensino, queriam desqualificá-lo na sua condição de “Mestre”²⁹. Queriam sobretudo pô-lo em cheque por uma das posições que tomasse no ‘julgamento’. Se a condenasse à morte segundo a lei de Moisés, iria contra Roma (que impedia os judeus de aplicar a pena capital), se a absolvesse, poderia ser acusado de não observar a lei de Moisés e

²⁵ Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, 228.

²⁶ Cf. R.E. BROWN, *The Gospel According to John*, 333.

²⁷ Cf. L. MORRIS, *The Gospel According to John*, Marshall, Morgan & Scott, London, 1971, 886-887.

²⁸ Cf. R.E. BROWN, *The Gospel According to John*, 337.

²⁹ Cf. C. TURIOT, *Lectures Figuratives de la Bible* (Cahiers Évangile 139), Cerf, Paris, 2007, 36.

ficar mal visto por todos os judeus crentes. No fundo, os doutores da lei e os fariseus abordaram Jesus como Mestre, numa atitude falsa: para O poderem acusar. A aplicação da justiça, neste caso, era apenas uma armadilha para acusar Jesus. A mulher e a lei eram simples instrumentos usados para esse fim. Serviram-se da mulher, sem se importarem que fosse humilhada ou com o seu destino e serviram-se da lei sem estarem preocupados com a sua verdadeira interpretação ou aplicação.

Alguns estudiosos como R.E. Brown, R. Schnackenburg ou A. Marchadour³⁰ sugerem que este episódio, como cilada feita a Jesus pelos doutores da lei e fariseus, se assemelha ao do pagamento do tributo a César, que aparece nos três Evangelhos Sinópticos (cf. Mc 12, 13-17 e par).

Jesus baixa-se para escrever com o dedo na terra, duas vezes (vv. 6a, 8). O que pode isto significar? Não se dá no texto nenhuma informação sobre aquilo que Jesus terá escrito. Talvez até não tenha escrito nada e o sentido esteja no gesto. Poderia também estar apenas a fazer traços, enquanto pensava, ou a querer mostrar que não se deixava afetar pela pergunta maliciosa³¹.

C.K. Barrett³² atribui essa atitude de Jesus a uma recusa de responder à pergunta dos doutores da Lei e fariseus, tal como eles a formulam, a uma recusa em julgar (cf. Jo 8, 15). Uma tradição que remonta a S. Jerónimo³³ diz que Jesus escreveu na terra os pecados daqueles que acusavam a mulher, o que significaria uma menção a que todos os homens são pecadores e como tal não têm autoridade para condenar outros. Alguns Padres da Igreja, entre os quais Santo Ambrósio e Santo Agostinho, viram nesse gesto uma ação simbólica semelhante à dos profetas, numa alusão à Palavra de Deus em Jr 17, 13b: “Os que de ti se afastam serão escritos na terra dos mortos, porque deixaram o Senhor, fonte das águas vivas”³⁴. É esta também a opinião de J. Jeremias, citado por R. Schnackenburg³⁵ e do próprio, que explica que Jesus remete os seus inquisidores ao juízo de Deus, que os conhece e sabe que todos os homens são pecadores, podendo assim escrevê-los a todos na terra; aqueles homens, com sentido para os sinais proféticos poderiam compreender, desse modo, o gesto de Jesus.

³⁰ Cf. R.E. BROWN, *The Gospel According to John*, 337; R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, 229; A. MARCHADOUR, “Venez et vous verrez”, 230.

³¹ Cf. R.E. BROWN, *Idem*, 334.

³² Cf. C.K. BARRETT, *The Gospel According to St. John: An Introduction with Commentary and Notes on the Greek Text*, S.P.C.K., London, 1955, 492.

³³ Cf. R.E. BROWN, *The Gospel According to John*, 333.

³⁴ Cf. B. ESCAFFRE, *Évangile de Jésus Christ Selon Saint Jean. 1- Le Livre des Signes (Jn 1-12)*, (Cahiers Évangile 145), Cerf, Paris, 2008, 43; R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, 229.

³⁵ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Idem*, 229-230.

Segundo Derrett³⁶, o gesto de Jesus aponta para uma séria reflexão e está ligado à resposta que deu aos que insistiam em interrogá-lo. Uma possibilidade é que da primeira vez Jesus tenha escrito o que consta em Ex 23, 1b: “Não ponhas a tua mão com o culpado, (para seres uma testemunha de injustiça.)” E da segunda, a citação de Ex 23, 7a: “Manter-te-ás longe da causa mentirosa”. Há ainda quem diga que Jesus escreveu as palavras que acabaria por pronunciar, à maneira das sentenças romanas, que eram escritas antes de ser lidas. T. W. Manson, citado por L. Morris, é desta opinião³⁷.

A verdade é que ninguém pode dizer ao certo o que Jesus escreveu, ou se apenas fez alguns traços e qual o seu significado. Pode nem haver qualquer significado nessa atitude, mas é inegável que face à pergunta “E Tu que dizes?” Jesus fez silêncio, não entrou na provocação e na cilada de que era vítima, nem alinhou na acusação contra aquela mulher. Certamente esse silêncio foi motivador da resposta, em forma de desafio, que Ele lançou aos que O questionavam e que mudou o desfecho previsível daquela história. Constatamos que nem o silêncio, nem o gesto de Jesus, ao escrever na terra, impressionou aqueles que vinham decididos a obter do “Mestre” uma posição face à questão levantada. Por isso insistiram em interrogá-lo (cf. v. 7a). Então, Jesus levantou-se e disse-lhes que quem de entre eles estivesse sem pecado, lançasse a primeira pedra (cf. v. 7b). Resposta tão inesperada quanto sábia, mesmo ao modo de Jesus!

A palavra grega *ἀναμάρτητος* que significa *sem pecado*, apenas aparece aqui em todo o Novo Testamento e a noção de pecado que transmite é estranha ao Evangelho de João. Para este o maior pecado é não acreditar em Jesus como o Messias, o Filho de Deus. Alguns críticos como Hoskyns-Davey ou W. Bauer, citados por Léon-Dufour³⁸, pensaram que Jesus aqui se referia aos chamados pecados “da carne”. Mas não parece ser esse o sentido das palavras de Jesus, pois aqui “pecado” deve entender-se num sentido lato.

Lançar a primeira pedra implicava responsabilizar-se pela morte da pessoa, mesmo que não fosse essa a provocar-lhe a morte³⁹. Aquele que a lançava em primeiro lugar representava a autoridade e a lei e, por isso, deveria ser testemunha do ato de transgressão praticado (cf. Dt 17, 7). Deveria ainda, ser uma pessoa irrepreensível perante a lei e portanto, sem pecado. Quem poderia apresentar-se como testemunha contra aquela mulher, alguém inocente de todo e qualquer pecado, quando estava sujeito ele próprio ao testemunho de Deus?

³⁶ Cf. J.D.M.DERRETT, *Law in The New Testament*, 16-22.

³⁷ Cf. L. MORRIS, *The Gospel According to John*, 888.

³⁸ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lecture de L'Évangile Selon Jean*, 317.

³⁹ Cf. B. ESCAFFRE, *Évangile de Jésus Christ Selon Saint Jean*, 43.

O desafio que Jesus lançou trazia em si toda a autoridade e sabedoria de um verdadeiro Mestre, pois devolveu aos acusadores, que se arrogavam sabedores da lei, um convite a agir segundo o espírito da própria lei. Acrescente-se que Jesus não os fechou no círculo de morte em que se encontravam, mas abriu-os à vida. Ao contrário do que fizeram com Ele os doutores da Lei e os fariseus, Jesus não os interpelou para os condenar. O seu objetivo era que eles entrassem na sua própria consciência, na verdade. Desta maneira também os libertou da sua arrogância, dos seus julgamentos e da sua intenção maliciosa. Ao cair em si, cada um deles percebeu que era pecador.

Para a salvação pessoal é muito importante reconhecer que todas as pessoas são pecadoras, ou seja, todas têm necessidade da misericórdia de Deus. Por isso ninguém pode julgar os outros, como Jesus continuamente adverte. Ele, O único que poderia julgar, não o faz (cf. Jo 8, 15). As palavras de Jesus produziram tal efeito, que os escribas e fariseus “foram saindo, um a um, a começar pelos mais velhos” (cf. v. 9). Nalgum manuscrito acrescenta-se que eles saíram “acusados pela sua consciência”. Chegaram juntos, seguros de si, acusando aquela mulher e com vontade de acusar Jesus; saíram sós, cada um por si, alguns provavelmente com a consciência pesada, reconhecendo o próprio pecado e a sua indignidade para acusar os outros. O reconhecimento do pecado tem que ser feito individualmente.

O facto de terem sido os mais velhos a sair primeiro, pode sugerir diversas interpretações: uma delas é a sabedoria da idade, que os pode ter levado a compreender mais rapidamente as implicações das palavras de Jesus e a cair em si; outra é o maior peso dos pecados ou a maior experiência da fragilidade humana. Alguns exegetas como R. Schnackenburg⁴⁰, pensam que poderá haver aqui uma reminiscência da história de Susana, contida no Livro de Daniel, em que dois homens velhos, instituídos como juízes, tentam seduzir uma mulher jovem e bonita (cf. Dn 13). Cécile Turiot⁴¹ refere que há quem veja aqui o sentido figurado da vida humana, em que as pessoas mais velhas “partem” primeiro.

Todos os presentes se sentiram interpelados pelas palavras de Jesus e por isso deixaram o recinto do Templo onde se encontravam. O mesmo v.9 refere que ficou só Jesus e a mulher. Diz Santo Agostinho⁴², ao comentar esta passagem: “Ficaram apenas dois: a miséria e a Misericórdia”. Este encontro entre Jesus e a mulher a sós, é fundamental e o evangelista não descuidou esse pormenor tão importante. O pecador face àquele que é a Misericórdia de Deus em pessoa, O único que pode perdoar e salvar. Sem este encontro o desfecho teria sido bom,

⁴⁰ Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, 231.

⁴¹ Cf. C. TURIOT, *Lectures Figuratives de la Bible*, 39.

⁴² AUGUSTINE, Homily XXXIII, in *Homilies on the Gospel According to St. John*, F.&J. Rivington, London, 1848, 1477.

mas incompleto. A mulher poderia ter desaparecido naquele momento, depois de perceber que os seus acusadores se tinham retirado. Mas ela parecia esperar uma última palavra de Jesus, uma palavra que lhe devolvesse a dignidade e a libertasse.

O que se segue, da atitude de Jesus e do diálogo com a mulher, completa de um modo extraordinariamente belo esta história. Até àquele momento ninguém se tinha preocupado com ela, com o que poderia estar a sentir, ninguém lhe deu a palavra ou lhe fez qualquer pergunta. Ela foi usada, não apenas pelo homem adúltero, mas também por aqueles que a levaram e acusaram junto de Jesus, com outras intenções. Jesus olhou para ela, dirigiu-lhe a palavra, tratou-a como pessoa. Chamou-lhe ‘mulher’, o que não era um termo depreciativo. Jesus tratou assim a sua Mãe, noutras passagens do Evangelho (cf. Jo 2, 4; Jo 19, 26). Perguntou-lhe se ninguém a tinha condenado, o que ela confirmou, e Jesus disse-lhe que também não a condenava. Não porque não o pudesse fazer, já que Ele não tinha pecados, mas porque Ele veio para salvar. Jesus não se referiu a perdoar os pecados da mulher, mas esse perdão parece estar implícito quando disse que não a condenava. É interessante verificar que este perdão oferecido por Jesus precedia a demonstração de arrependimento por parte da mulher ou a resolução de mudança de vida da mesma.

Jesus não atuou contra a lei ou contra a Palavra de Deus. Ao contrário, toda a sua atuação estava em conformidade com o espírito da lei e com o sentido da Palavra de Deus que é uma Palavra de Vida⁴³, como se percebe neste texto do profeta Ezequiel: “Diz-lhes isto: Por minha vida – oráculo do Senhor Deus – não tenho prazer na morte do ímpio, mas sim na sua conversão, a fim de que tenha a vida” (cf. Ez 33, 11). Para que a mulher vivesse uma vida nova nascida da conversão, Jesus concluiu ordenando-lhe que não voltasse a pecar. Jesus confirmou que o adultério era algo errado que ofendia a Deus e aos outros.

Para ela ficou claro que não podia voltar à vida anterior. Nisso consistiu a sua verdadeira libertação. Mais que livre de ser condenada à morte, estava livre para fazer opções de vida e não de morte.

3. Simbologia do texto

Léon-Dufour⁴⁴ abordando esta narrativa na sua globalidade, apresenta uma leitura simbólica que parece interessante relatar. A referência ao Monte das Oliveiras, no início do texto, lugar para onde Jesus se retirou para passar a noite, dá ideia da iminência da Sua paixão. Por duas vezes o texto descreve Jesus, que se baixa e que se ergue (cf. vv. 6-8.10).

⁴³ Cf. B. ESCAFFRE, *Évangile de Jésus Christ Selon Saint Jean*, 43.

⁴⁴ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lecture de L'Évangile Selon Jean*, 319-322.

Ora estes movimentos antagônicos lembram a vinda de Jesus ao mundo, que desce à condição humana e a Sua elevação à glória, junto do Pai, reconciliando com Deus a humanidade pecadora. É o que acontece também no texto com aquela mulher, que passa da morte à vida pela palavra de Cristo, não só porque Ele, com a Sua palavra, evita o apedrejamento, mas ainda porque lhe abre um futuro de verdadeira liberdade face ao pecado. O mesmo se pode dizer em relação aos doutores da lei e aos fariseus que, ao tomar consciência do seu pecado, podem abrir-se ao perdão de Deus e a uma nova vida.

É à volta de uma mulher adúltera que todo o enredo se passa. Na tradição profética a metáfora do adultério é usada para mostrar a infidelidade do povo de Israel ao Deus da Aliança (cf. Os 3, 1s). Assim a mulher representa o povo pecador a quem Jesus oferece o perdão de Deus.

Há outra leitura simbólica de Cécile Turiot⁴⁵ que interpreta o gesto de Jesus a escrever na terra: o gesto de Jesus que escreve duas vezes no solo é como uma alusão às duas Escrituras: Jesus primeiro escreve com o dedo lembrando que a primeira Escritura, do AT, tem como base a lei de Moisés e como origem o próprio Deus. A finalidade da lei é reger as relações humanas: mas os doutores da lei e os fariseus ao não a porem em prática e usarem-na para acusar Jesus, estão a ir contra ela; Jesus interpela-os através da própria lei, dizendo-lhes que a ponha em prática, quem estiver sem pecado, pois assim era suposto; Ele devolve a questão do pecado a cada um dos seus interlocutores; da segunda vez, Jesus inclina-se totalmente, é o próprio corpo de Jesus que vai até ao chão, simbolizando a encarnação do Verbo, onde Ele próprio é a Palavra que dá lugar a uma segunda Escritura. Ele abaixa-se ao nível de todo o pecador e a sua Palavra é libertadora. Assim acontece com aquela mulher: fica liberta do seu pecado porque Jesus não veio para condenar, mas para salvar.

4. Conclusão

Este texto da mulher adúltera, que parece ter demorado a integrar-se nos Evangelhos canónicos, é uma das histórias mais populares do Novo Testamento, talvez pela maneira radical como Jesus manifesta o seu amor misericordioso, que acolhe e perdoa. Carreira das Neves no seu livro sobre os Escritos de S. João⁴⁶, ao falar do “Sinal da Misericórdia”, escolhe precisamente esta passagem para o exemplificar.

⁴⁵ Cf. C. TURIOT, *Lectures Figuratives de la Bible*, 38-39.

⁴⁶ Cf. J. C. das NEVES, *Escritos de S. João*, 172.

Neste caso, como noutros, as palavras e o comportamento de Jesus são surpreendentes e inesquecíveis, tocando o coração humano e dando um desfecho feliz a uma situação que à partida, parecia poder acabar mal. As palavras de Jesus contidas no v.7 sobre “lançar a primeira pedra” foram usadas ao longo dos tempos, tornando-se um estribilho muito usado dentro e fora da Igreja.

À partida este episódio parece centrar-se naquilo que os textos dos Evangelhos, sobretudo os Sinópticos, vão tentando demonstrar: os fariseus e os chefes religiosos sentem que a doutrina e a lei de Israel estão ameaçadas pela atitude “subversiva” de Jesus. Ele ao não “guardar” o Sábado, como eles interpretavam que deveria ser guardado e ao acolher os pecadores e doentes, tocando-lhes, comendo com eles ou perdoadando-os, punha em causa muitas questões legais, essenciais para a sua religião. É sugestivo a este respeito um texto de Lucas, em que Jesus é convidado para casa de um fariseu para comer. Depois de se pôr à mesa, sem se ter lavado antes, sabendo o que vai no pensamento dos convidados, começa a condená-los pela sua hipocrisia. No final desta passagem, Lucas escreve: “Quando saiu dali, os doutores da lei e os fariseus começaram a pressioná-lo fortemente com perguntas e a fazê-lo falar sobre muitos assuntos, armando-lhe ciladas e procurando apanhar-lhe alguma palavra para o acusarem” (Lc 11, 53). Parece que a história que aqui se traz é a concretização de uma dessas ciladas.

É quase irónico, mas no Evangelho de S. João (onde esta passagem foi integrada), Jesus mais à frente também vai ser ameaçado de apedrejamento (Jo 8, 59), mas não lhe acontece nada, porque não tinha chegado a sua hora.

Todos estes “julgamentos” à sua pessoa vão contribuir para o desfecho final. A vida de Jesus, as suas convicções e inclusivamente a sua atitude de amor misericordioso em relação aos pecadores e aos excluídos, será decisiva neste processo de que foi vítima, face ao poder religioso de Israel, que não o entende, nem o acolhe como o Messias. Ele morre porque dá a sua vida livremente, para que todos tenham vida em plenitude.

Apesar de não encontrarmos nesta passagem um vocabulário específico sobre a misericórdia, o que nos ensina Jesus através da mesma, sobretudo no âmbito desta reflexão? Como se poderia formular, a partir deste texto, uma teologia da misericórdia, especialmente na sua relação com a justiça e com o perdão?

Jesus deixa bem claro, através das suas atitudes e palavras, que ninguém pode condenar ninguém, pois todo o ser humano partilha da condição de pecador. Por isso, em primeiro lugar é necessário reconhecer o pecado pessoal e a necessidade da misericórdia divina. Esta misericórdia manifesta-se de um modo especial na pessoa de Jesus Cristo. Para quem cometeu um pecado contra outrem, é diferente se a pessoa a quem ofendeu é alguém que julga e

condena ou, se pelo contrário, se compadece e perdoa. Perante Jesus que não condena mas perdoa sempre (é amor misericordioso), é mais fácil reconhecermos os nossos pecados.

Jesus convida-nos também a deixar de julgar os outros, pondo em prática aquilo que Ele mesmo diz: “Não julgueis, para não serdes julgados; (...) Porque reparas no argueiro que está na vista do teu irmão, e não vês a trave que está na tua vista?” (Mt 7, 1-3). Ou como refere a carta de Paulo aos Romanos: “Por isso, não tens desculpa tu, ó homem, quem quer que sejas, que te armas em juiz. É que, ao julgares o outro, a ti próprio te condenas, por praticares as mesmas coisas, tu que te armas em juiz.” (Rm 2, 1). O único que pode julgar e condenar é Jesus, mas Ele não o faz, porque não veio para condenar mas para salvar (cf. Jo 3, 17).

No fundo Jesus pode ser considerado como alguém que conhece bem a lei e que não veio para revogá-la, como Ele próprio diz, mas para levá-la à perfeição (cf. Mt 5, 17. 19). Ele mesmo se posiciona contra o adultério (cf. Mt 5, 27-29). E neste caso também: “Vai e de agora em diante não tornes a pecar” (Jo 8, 11). Jesus não é solidário com o pecado. Mas isso não contradiz a sua atitude de acolhimento e de misericórdia face ao pecador e neste caso, face à mulher adúltera. A perfeição da lei é o amor levado ao extremo, à medida de Jesus e isso engloba o perdão. O perdão de Jesus precede a exigência de arrependimento e de mudança de vida e proporciona-os.

Há sempre o risco de que a pessoa perdoada volte a cair nas mesmas faltas. Parece que pode ser o medo de voltar a sofrer uma pena o que regula o comportamento posterior do condenado. Jesus sabe que é muito mais eficaz para a transformação de qualquer pessoa o amor e a confiança do que uma pena ou um castigo que se lhe possa aplicar. O medo pode impedir a pessoa de fazer determinadas coisas, mas o que converte o coração é sempre o amor. O que liberta do medo é a confiança depositada na pessoa, aceitá-la como ela é, acreditando que pode melhorar, sem a forçar a nada. Por isso o perdão é gratuidade e não retribuição, é oferta sem condições. O perdão é o grande dom de Deus “que nos aceita como somos, para que possamos chegar a ser como devemos ser”⁴⁷.

Jesus aqui poderia ser simplesmente o juiz, o responsável, não da morte, mas da aplicação da pena justa, segundo a lei. Foi o que lhe pediram. Mas Jesus não atua como um juiz mundano, porque Ele não veio para julgar nem para aplicar penas. Ele veio enviado por Deus para agir em seu nome. Segundo Yves Congar, citado por Walter Kasper⁴⁸, Deus não é como um juiz que aplica uma lei de uma outra autoridade, pois não se encontra submetido a ninguém, mas distribui os seus dons como entende, de acordo com a sua bondade. Por isso a sua misericórdia transcende a justiça. A sua misericórdia é o cumprimento da justiça.

⁴⁷ H. MUJICA, *Kénosis: Sabiduría y compasión en los Evangelios*, Marea, Buenos Aires, 2009, 103.

⁴⁸ Cf. W. KASPER, *La misericordia*, 31.

Escreve também a este propósito, Hugo Mujica: “(...) a misericórdia tira o fundamento a todo o rigor e à lei, não a removendo, mas transcendendo-a, abrindo-a à compaixão, tirando-lhe solidez, é certo, mas outorgando-lhe docilidade”⁴⁹.

Para Paulo “(...) a justiça divina que se revela em Jesus Cristo não é uma justiça condenadora e castigadora, mas uma justiça que justifica, que nos torna justos”⁵⁰. Esta justiça divina, que se baseia na misericórdia de Deus, revelada especialmente na cruz de Cristo, liberta-nos da lei, não para fazermos o que nos apetece, mas para vivermos uma nova vida, na liberdade dos filhos de Deus. Assim, “(...) a justiça de Deus é a sua misericórdia e a sua misericórdia é a sua justiça”⁵¹.

Nesta sequência, Jesus não abandona a mulher pecadora à sua sorte. Ele vai mais longe: pela sua misericórdia, transforma-se no responsável pela libertação desta mulher e pela transformação da sua vida, que dali em diante será certamente diferente.

Aos escribas e fariseus é-lhes também oferecida uma nova maneira de viver, mais livre do julgamento e do controle da vida dos outros, da constante diferenciação entre justos e pecadores, da tentação de interpretar a lei à sua maneira e segundo o seu interesse. Esta transformação para viver com novos critérios implica também para eles o acolhimento da misericórdia de Deus, manifestada e oferecida por Jesus.

Podemos concluir que o cerne deste texto não é a controvérsia em relação à lei, nem mesmo a vontade dos doutores da lei e dos fariseus de acusar Jesus ou de condenar a mulher. Esta passagem vem sobretudo revelar que Jesus traz aos pecadores o perdão gratuito de Deus e que o Seu amor misericordioso tem o poder de transformar a vida de quem o acolhe.

Citando as palavras do então Cardeal Patriarca de Lisboa, D. José Policarpo “Deus perdoa porque nos ama. É por isso que o seu amor se chama misericórdia”⁵².

⁴⁹ H. MUJICA, *Kénosis*, 91.

⁵⁰ Cf. W. KASPER, *La misericordia*, 81.

⁵¹ *Ibidem*, 82.

⁵² J. POLICARPO na consagração do Pontificado do Papa Francisco a Nossa Senhora, no dia 13.05.2013, em Fátima.

III. - CAPÍTULO: JESUS E A MISERICÓRDIA

Neste capítulo irei debruçar-me sobre a misericórdia na vida de Jesus, expressa nas Suas palavras e no Seu comportamento. Os Evangelhos oferecem-nos relatos da pregação de Jesus e episódios do Seu quotidiano, que nos revelam como Ele vivia a misericórdia, alguns dos quais serão aqui objeto de análise. Para isso serão abordadas duas parábolas contadas por Jesus, no Evangelho de Lucas, que resumem o que é ter um coração compassivo e misericordioso. Este evangelista trata de modo particular estes temas, de maneira que o seu Evangelho mereceu ser chamado “o Evangelho da misericórdia”.⁵³ Num segundo momento farei referência a algumas ocasiões da vida de Jesus, que mostram que Ele viveu coerentemente aquilo que anunciou, manifestando esse amor misericordioso até nos momentos mais difíceis da Sua paixão e morte e ainda na Sua ressurreição.

Não pretendo entrar na problemática sobre o que é uma parábola, ou sobre a sua função literária, pois não é esse o objetivo deste trabalho. Tão pouco farei uma análise detalhada ou exegética de cada uma das parábolas, ou das outras passagens abordadas, mas apenas breves considerações tocando essencialmente o tema em questão. Utilizarei as palavras *misericórdia* e *compaixão*, indistintamente, como sinónimas.

1. Jesus fala sobre a misericórdia

Jesus faz da misericórdia um dos principais temas da sua pregação,⁵⁴ na medida em que quer manifestar a presença de Deus Pai, “que é rico em misericórdia” (Ef 2, 4). Também neste ponto Ele ensina, antes de mais, “em parábolas”, porque elas exprimem melhor a própria essência das coisas.⁵⁵ As parábolas são histórias que intrigam, criam surpresa e fazem refletir. Elas foram um traço específico da linguagem de Jesus.⁵⁶

Apresento aqui duas parábolas citadas por Lucas: a parábola do “Bom Samaritano” (Lc 10, 25-37), em que o homem caído no caminho é o paradigma de qualquer pessoa carente e necessitada e a parábola do “Filho Pródigo”, também conhecida como parábola do “Pai Misericordioso” (Lc 15, 11-32), em que ambos os filhos representam o ser humano pecador, necessitado de perdão e de salvação.

⁵³ JOAO PAULO II, *Carta Encíclica Rico em Misericórdia (Dives in Misericordia)*, 3, Editorial A.O., Braga, 1986.

⁵⁴ Cf. A.S. VAZ, “Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai”, *Bíblica, série científica* Ano XV (2006) 114.

⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁶ M.A.P. JANEIRO, “A parábola do bom samaritano, hoje”, *Bíblica, série científica* Ano XV (2006) 48.

1.1 A parábola do Bom samaritano

“Levantou-se, então, um doutor da lei e perguntou-lhe, para o experimentar: ‘Mestre, que hei-de fazer para possuir a vida eterna?’ Disse-lhe Jesus: ‘Que está escrito na lei? Como lês?’ O outro respondeu: ‘*Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças* e com todo o teu entendimento, e *ao teu próximo como a ti mesmo.*’ Disse-lhe Jesus: ‘Respondeste bem; faz isso e viverás.’ Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: ‘E quem é o meu próximo?’ Tomando a palavra, Jesus respondeu: Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: ‘Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar.’ Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores? Respondeu: ‘O que usou de misericórdia para com ele.’ Jesus retorquiu: ‘Vai e faz tu também o mesmo.’” (Lc 10, 25-37).

A parábola do “bom samaritano” encontra-se apenas no Evangelho de Lucas, mas mesmo assim é legítimo pensar, que Jesus tenha sido o seu autor.⁵⁷ É possível que provenha de uma fonte privada e que tenha sido utilizada por Lucas, que posteriormente a ligou ao diálogo entre Jesus e um doutor da lei (cf. Lc 10, 25-28).⁵⁸ Outra possibilidade é que este evangelista tenha reproduzido a fonte *Q* (*Quelle*), ou fonte dos ditos de Jesus (*Logia*), dando-lhe alguns retoques.⁵⁹ O texto que Lucas utiliza como introdução à parábola (Lc 10, 25-28), encontra-se nos outros Evangelhos Sinópticos, com algumas alterações.⁶⁰ Aqui Lucas ter-se-á baseado em Marcos.

Nesta introdução, um doutor da lei acerca-se de Jesus e pergunta-lhe o que tem que fazer para possuir a vida eterna. Não sabemos se o faz com sinceridade, pois segundo o texto é com a intenção de O experimentar. Jesus devolve-lhe a pergunta, remetendo-o à própria lei,

⁵⁷ Cf. M.A.P. JANEIRO, “A parábola do bom samaritano, hoje”, 55. É também esta a opinião de J.A. PAGOLA, in *Jesús: Aproximación histórica*, PPC, Madrid, 2007, 139.

⁵⁸ Cf. L.M.V. ALMENDRA, “Quem é o meu próximo?”, *Communio* Ano XXVI nº2 (2009) 150.

⁵⁹ Cf. S. LEGASSE, “Et qui est mon prochain?”, (Paris 1989) 61, citado por M.A.P. JANEIRO, “A parábola do bom samaritano, hoje”, 53.

⁶⁰ No paralelo de Marcos (Mc 12, 28-34) é Jesus que responde à pergunta do escriba, sobre qual é o maior de todos os mandamentos, citando dois preceitos da lei: o primeiro, o amor a Deus (Dt 6, 5); o segundo, o amor ao próximo como a si mesmo (Lv 19, 18). Mas une-os como sendo apenas um mandamento. O escriba aplaude-o e Jesus ainda lhe contesta dizendo que ele não está longe do “reino de Deus”; no paralelo de Mateus (Mt 22, 34-40), semelhante ao de Mc, mas resumido, à mesma pergunta de um doutor da lei, Jesus responde evocando os mesmos dois textos (Dt 6, 5 e Lv 19, 18), mas o diálogo termina aí. Em Lucas o doutor da lei pergunta a Jesus o que tem que fazer para possuir a vida eterna. Nos paralelos de Marcos e Mateus a pergunta é sobre qual é o primeiro ou o maior de todos os mandamentos.

de modo a que, inclusivamente a interprete. Então o doutor da lei responde unindo dois preceitos da lei, que estavam separados. O primeiro em Dt 6, 5: “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças”; o segundo preceito em Lv 19, 18b: “(...) amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Estes mandamentos como se disse, já se encontram enunciados em conjunto por Jesus, nos Evangelhos de Marcos e de Mateus. Para um doutor da lei era muito importante estudar e conhecer bem a lei. Mas para Jesus não bastava, por isso diz-lhe: “Faz isso e viverás” (v. 28). A vida eterna encontra-se, não apenas no conhecimento dos mandamentos, mas sobretudo na sua prática.⁶¹

Lucas faz prosseguir o debate com a pergunta do doutor da lei a Jesus sobre “quem é o meu próximo?”. Era uma questão controversa na época e muito discutida pelos doutores da lei: uns consideravam próximo todos os outros hebreus, outros incluíam nesse conceito os estrangeiros que se haviam estabelecido na terra de Israel e outros ainda admitiam como próximo qualquer pessoa.⁶² Jesus responde a esta pergunta com a parábola do “Bom Samaritano”. O evangelista teve a ideia original de ligar o mandamento do amor ao próximo com esta parábola de Jesus.⁶³

A parábola mostra o amor misericordioso, de compaixão ao próximo. Daquele que está atento e socorre o necessitado que se cruza no seu caminho, mesmo que não o conheça. Neste caso, Jesus não refere quem é o homem assaltado, se judeu, se samaritano, se estrangeiro. Não alude à sua religião ou à sua condição social. A verdade é que isso não importa, ele pode ser qualquer um. A este propósito, declara Bento XVI: “A parábola do bom samaritano permanece como critério de medida, impondo a universalidade do amor, que se inclina para o necessitado encontrado ‘por acaso’, seja ele quem for”.⁶⁴

Curiosamente Jesus faz referência a duas personagens, representantes da religião oficial: um sacerdote e um levita, que vêem o homem caído e meio morto, mas não o socorrem e passam adiante. Esta atitude terá chocado os ouvintes daquele tempo e de todos os tempos. Contrariamente, um samaritano vê o ferido, enche-se de compaixão e trata dele, até ter a certeza de que está a salvo e de que nada lhe faltará para recuperar totalmente. Parece uma provocação escolher para “herói”, alguém tão mal visto pelos judeus, como eram os samaritanos, considerados heréticos e impuros. Jesus quer mostrar que isso pouco importa na perspectiva do ser humano em necessidade. Este, que até podia ser um judeu muito piedoso,

⁶¹ Cf. R.A. CULPEPPER, “The Gospel of Luke: Introduction, Commentary, and Reflections”, in *The New Interpreter's Bible IX*, Abingdon Press, Nashville, 1995, 228.

⁶² Cf. L.M.V. ALMENDRA, “Quem é o meu próximo?”, 150.

⁶³ M.A.P. JANEIRO, “A parábola do bom samaritano, hoje”, 54.

⁶⁴ BENTO XVI, *Carta Encíclica Deus é Amor (Deus Caritas Est)*, 25, Paulinas Editora, Prior Velho, 2006.

apenas deseja que o socorram, e aquele que mostrar compaixão e lhe der ajuda é, sem dúvida, o seu próximo. Com esta escolha, Jesus quer desfazer todas as fronteiras entre as pessoas, todas as divisões e ódios que possam existir.⁶⁵

É de notar que no final da parábola, Lucas retoma o diálogo de Jesus com o doutor da lei, também de uma forma única, no qual Jesus muda a perspectiva de próximo, de objeto para sujeito, com a pergunta: “Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?” (v. 36). Ao que o doutor da lei responde com uma precisa definição de próximo, que toca a essência da parábola: “O que usou de misericórdia para com ele.” (v. 37a). Próximo é aquele que manifesta o seu amor por gestos concretos de misericórdia.⁶⁶ O que importa não é saber a quem devo amar, mas sim amar, movido por uma verdadeira compaixão face aos necessitados, independentemente da sua raça ou da sua religião e sem esperar recompensa.

Deste modo, a pergunta não deve ser “quem é o meu próximo?”, como fez o doutor da lei, mas “quem está necessitado de que eu me aproxime dele e o ajude”. O sofrimento de qualquer ser humano caído no caminho é que há-de desencadear na pessoa, gestos de amor compassivo.⁶⁷ Jesus também sugere que nem todos os que conhecem a lei e pensam que vivem de acordo com ela, a põem de facto em prática. Por isso, no final do diálogo Jesus envia o doutor da lei: “Vai e faz tu também o mesmo” (v. 37b). Jesus pede-lhe que pratique o amor misericordioso, pois o reino de Deus torna-se presente onde as pessoas agem com misericórdia.⁶⁸

A misericórdia parte de um coração que se compadece, tem apenas em conta a necessidade do outro, independentemente da sua raça, religião ou condição social e não busca retribuição, como claramente ficou ilustrado nesta parábola de Jesus.

⁶⁵ Cf. L.M.V. ALMENDRA, “Quem é o meu próximo?”, 152.

⁶⁶ Cf. S. LEGASSE, “Et qui est mon prochain?”, 68, citado por M.A.P. JANEIRO, “A parábola do bom samaritano, hoje”, 54.

⁶⁷ J.A. PAGOLA, *Jesús*, 141, nota 55.

⁶⁸ *Ibidem*, 141.

1.2 A parábola do Pai Misericordioso

“Disse ainda: Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: ‘Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde.’ E o pai repartiu os bens entre os dois. Poucos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma terra longínqua e por lá esbanjou tudo quanto possuía, numa vida desregrada. Depois de gastar tudo, houve grande fome nesse país e ele começou a passar privações. Então, foi colocar-se ao serviço de um dos habitantes daquela terra, o qual o mandou para os seus campos guardar porcos. Bem desejava ele encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. E, caindo em si, disse: ‘Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome! Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e vou dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros.’ E, levantando-se, foi ter com o pai.

Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos. O filho disse-lhe: ‘Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho.’ Mas o pai disse aos seus servos: ‘Trapei depressa a melhor túnica e vesti-lha; ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei o vitelo gordo e matai-o; vamos fazer um banquete e alegrar-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado.’ E a festa principiou.

Ora, o filho mais velho estava no campo. Quando regressou, ao aproximar-se de casa ouviu a música e as danças. Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo. Disse-lhe ele: ‘O teu irmão voltou e o teu pai matou o vitelo gordo, porque chegou são e salvo.’

Encolerizado, não queria entrar, mas o seu pai, saindo, suplicava-lhe que entrasse. Respondendo ao pai, disse-lhe: ‘Há já tantos anos que te sirvo sem nunca transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos; e agora, ao chegar esse teu filho, que gastou os teus bens com meretrizes, mataste-lhe o vitelo gordo.’ O pai respondeu-lhe: ‘Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado.’” (Lc 15, 11-32).

A parábola do “Filho Pródigo” ou do “Pai Misericordioso” é reconhecida por alguns estudiosos como “a parábola da misericórdia” por excelência.⁶⁹ Segundo W. Kasper “em nenhuma outra parábola descreve Jesus a misericórdia divina de maneira tão magistral, como nesta.”⁷⁰ Ao contar esta parábola, Jesus mostra-nos o que há no coração de Deus, essa ternura, bondade e compaixão, que não retribui a ingratidão e a ofensa, mas que sempre acolhe e perdoa o pecador, amando-o na totalidade, sempre com a mesma intensidade e, assim o salva.

Ela é apenas citada no evangelho de Lucas, sendo uma das mais belas e emocionantes histórias contadas por Jesus.⁷¹

Fala de um pai e de dois filhos: o filho mais velho representa os fariseus, os doutores da lei e outros chefes religiosos que se julgavam justos por cumprirem a lei de Moisés; o filho

⁶⁹ Cf. A.S. VAZ, “Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai”, 114.

⁷⁰ W. KASPER, *La misericordia*, 74.

⁷¹ Lucas conta-a no seguimento das parábolas da “ovelha perdida” e da “dracma perdida”, também conhecidas como parábolas da misericórdia, num contexto em que Jesus está a responder aos fariseus e doutores da Lei que O criticavam por acolher os pecadores e comer com eles (cf. Lc 15, 1-2).

mais novo representa os cobradores de impostos e outros pecadores públicos.⁷² Todos eles são representativos de grupos da sociedade daquele tempo, que podemos encontrar em todas as sociedades e em todos os tempos. O centro da parábola, desde o ponto de vista da misericórdia, é a figura do pai. Apesar de Jesus não mencionar ali o nome de Deus, “Ele pode ser contemplado por trás de cada uma das palavras e das atitudes do pai da história, pois revela-se nelas”.⁷³ Diz João Paulo II, que nela “a essência da misericórdia divina aparece de modo particularmente límpido”.⁷⁴

A atitude do filho mais novo é inesperada, pois ao pedir a herança ao pai, em vida deste, parece tratá-lo como se já tivesse morrido, quebrando de certa maneira a harmonia familiar. No que toca a este comportamento de pedir antecipadamente a herança, W. Pöhlmann apresenta uma solução convincente, fazendo referência à figura jurídica da emancipação,⁷⁵ em que um filho recebia os bens em vida do pai e podia administrá-los à sua maneira, ficando depois sem direitos de herança no futuro. Sem entrar aqui no aspeto legal, de como eram regidas as heranças naquele tempo em Israel, apenas referir que o pai aceita algo que não é comum, ou que, pelo menos, não é aconselhável, e divide os bens entre os dois (literalmente diz que ele divide a sua vida - βίος - e na verdade, aquilo que uma pessoa de certa idade possui, corresponde ao seu trabalho, à sua entrega e de certa maneira, à sua vida).

A vida do filho mais novo, ao afastar-se de casa e desbaratar a fortuna, torna-se caótica e chega ao último degrau da dignidade humana. Guardar porcos, animais impuros para os judeus, era uma tarefa desprezível, pois contagiavam a impureza àqueles que os tratavam. Esta experiência de perder tudo até ao ponto de viver entre animais e comer com eles, fá-lo “cair em si”. Nessa altura faz memória do pai. Percebe que perdeu a dignidade de filho, no entanto, encontra dentro de si a esperança de que o pai o aceite, não já como filho, mas pelo menos como um dos seus trabalhadores. Reconhece que pecou contra o Céu e contra o pai e imagina a confissão que poderá fazer-lhe ao voltar para casa.

O “cair em si” leva-o a dar mais dois passos: o “levantar-se” e o “ir ter com o pai”.⁷⁶ Parece-me significativo referir que o verbo grego ἀναστὰς utilizado neste texto (cf. vs. 18.20) e traduzido por “levantar-se” pode também significar “ressuscitar”. Neste sentido podemos dizer que este filho deu os primeiros passos para a sua “ressurreição”.

⁷² Cf. A.S. VAZ, “Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai”, 117.

⁷³ *Ibidem*, 121.

⁷⁴ JOAO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 5.

⁷⁵ Citado por J. GNILKA, *Jesus de Nazaré: Mensagem e história*, Editorial Presença, Lisboa, 1999, 102.

⁷⁶ Cf. R.A.CULPEPPER, “The Gospel of Luke”, 302.

Nesta ocasião (v. 20), a parábola apresenta uma viragem do ponto de vista da história, pois agora o centro passa a ser o pai, que esperava ansiosamente por este momento. Um pai bom, que já tinha perdoado ao filho e que desejava com ardor a sua volta. Assim, o pai ao vê-lo, quando ainda estava longe, enche-se de compaixão. Aqui é utilizado o verbo *σπλαγχνίζομαι*, que significa “comover-se nas suas entranhas”, o mesmo termo que se usou na parábola do “Bom Samaritano” (cf. Lc 10, 33), para descrever os sentimentos do samaritano quando vê o homem caído no caminho e meio morto.

É esta compaixão que reflete o amor misericordioso que há na pessoa e que depois se traduz em gestos: no caso deste pai, o acolhimento do filho, com as manifestações afetuosas que o texto refere, como o correr a abraçá-lo e a enchê-lo de beijos, o impedir que se explique e a devolução da dignidade de filho com a entrega da melhor túnica, do anel e das sandálias. Ao ser plenamente perdoado e acolhido, o filho faz a experiência da proximidade do pai. Esta receção do pai ultrapassa todas as expectativas do filho pródigo e provoca neste um verdadeiro arrependimento.⁷⁷

O texto (vs. 20-24) é muito significativo, pois cada uma das atitudes e dos movimentos do pai é revelador do seu imenso amor pelo filho e do seu perdão. Na Palestina, ao tempo de Jesus, era considerado uma falta de dignidade que um homem de uma certa idade se pusesse a correr. Parece ainda estranho que o pai abrace e beije afetuosamente este filho, sem o recriminar ou sem lhe pedir explicações da sua vida dissoluta. Porém, a misericórdia não se rege pelos comportamentos que humanamente se consideram razoáveis, é como um impulso irresistível que sai do interior do ser humano e que se lança a fazer o que lhe diz o coração, numa atitude repleta de amor.

O filho inicia a sua confissão de indignidade, mas é interrompido pelo pai, que publicamente o recebe de volta e lhe restitui a dignidade de filho através dos sinais da entrega do traje, do anel e das sandálias. A volta do filho a casa corresponde a uma ressurreição, como o próprio pai refere: “este meu filho estava morto e reviveu” (v. 24a). O que salva o filho, não é apenas o reconhecimento da sua culpa e a sua decisão de ir ter com o pai, mas principalmente “o amor entranhado do pai, expresso no seu abraço, nos beijos efusivos e no acolhimento afetuosos, ainda antes da confissão do filho (...). Essa regeneração acontece através da misericórdia”.⁷⁸

⁷⁷ Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 103.

⁷⁸ A.S. VAZ, *Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai*, 118, 120.

O desenlace oferecido pela narrativa pode ser considerado uma extravagância, nas palavras de P. Ricoeur.⁷⁹ A partir desta ideia a misericórdia poderia ser definida como a extravagância do amor. A alegria deste pai manifesta-se exteriormente na realização do banquete, onde se servirá o vitelo gordo. A carne não fazia parte das refeições normais, era reservada para dias especiais de festa. Deste modo, o autor ao referir a carne como parte da refeição, assinala-nos que estamos perante um grande dia, um dia de festa, pois um filho voltou à vida. Não há nada mais importante a festejar. As palavras de João Paulo II na Encíclica “Rico em Misericórdia” são ilustrativas a este propósito: “O pai sabe que o que se salvou foi um bem fundamental: o bem da vida de seu filho. Embora tenha esbanjado a herança, a verdade é que a sua vida está salva. Mais ainda, esta, de algum modo foi reencontrada. É o sentido das palavras dirigidas pelo próprio pai ao filho mais velho: ‘Era preciso que fizéssemos festa e nos alegrássemos, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado.’”⁸⁰

Surge então a figura do filho mais velho, cumpridor de todas as ordens do pai, que vive como um trabalhador responsável e consciente de que faz tudo na perfeição. A sua relação com o pai não é a de um verdadeiro filho, pois não reconhece que o pai lhe dá tudo, especialmente o seu amor. Assim, fica zangado, quando se apercebe do comportamento do pai em relação àquele filho indigno, que voltou a casa. Surpreendentemente, ambos os irmãos davam mais importância aos bens materiais do que às relações entre a família, por isso viviam infelizes, descontraídos e perdidos. Não se tinham apercebido que nas relações humanas se joga a mais importante parcela da vida de qualquer pessoa. À primeira vista pode parecer que só o irmão mais novo estava necessitado da misericórdia do pai. Mas não é assim. O mais velho, apesar de não ter saído de casa, também estava perdido: fechado em si mesmo, com a identidade trocada, não era capaz de pronunciar a palavra “pai” nem via o outro como seu irmão, referindo-se a ele como “esse teu filho”; revelava uma profunda insatisfação com a vida, pois nem aceitava o acolhimento e o perdão do pai ao filho pródigo, nem muito menos que se lhe fizesse uma festa. Por isso também ele precisava ser resgatado. E assim aconteceu.

O pai está atento e não descuida nenhum dos filhos. Pela segunda vez o pai sai para acolher um deles. Desta vez é o mais velho e também junto dele se humilha, pois suplica-lhe que entre, atitude que um pai normalmente não tinha. É no diálogo com este que surgem as palavras mais belas e significativas que são o reflexo de um coração bondoso e compassivo como o do pai desta história: “Meu filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu” (v. 31).

⁷⁹ Citado por J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 103.

⁸⁰ JOAO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 6.

O substantivo grego que se usa para “filho” nos outros versículos desta parábola, é *υἱός*, sendo que neste v. 31 se utiliza a palavra grega *τέκνον*, que significa “criança”, por isso é um termo mais afetuoso, que se poderia traduzir por “filhinho”, “meu filho” ou “filho querido”.⁸¹ Isso denota toda a ternura com que o pai se dirige ao filho mais velho. A frase revela ainda todo o amor que lhe tem, a importância que dá ao estarem sempre juntos e a entrega total de tudo o que é seu e de si mesmo, que o filho parece não ter notado. O desejo do pai é que este filho reconheça como é amado e ao perceber que tem tudo, passe a viver com um coração de filho e com uma relação de sincera fraternidade.

O autor não precisa qual a decisão do filho mais velho, se entra na festa da família, acolhendo o amor do pai ou se opta por ficar de fora autoexcluindo-se desse amor. Com frequência as parábolas apresentam o final em aberto, deixando a possibilidade àquele que as escuta de implicar-se nelas. Este final dá-nos ainda a entender que Deus respeita totalmente a decisão de cada filho, sendo que é Ele que salva, mas por vezes há quem não queira acolher a salvação. A parábola convida tanto os que se identificam com o filho mais novo, como os que se identificam com o filho mais velho, a abrir-se à misericórdia de Deus que acolhe e perdoa e a viver na Sua intimidade e na Sua alegria, como verdadeiros filhos e como irmãos uns dos outros.

Nesta parábola Jesus mostra-nos o que há no coração de Deus Pai. Ela visa ser modelo e interpelação para os que a escutam.⁸² Por isso Jesus convida os seus ouvintes a serem misericordiosos tal como o Pai é misericordioso (cf. Lc 6, 36). Esta maneira de ser misericordioso vai mais além do que humanamente pode parecer razoável ou justo, pois não paga o mal “com a mesma moeda”, mas ao contrário, acolhe e perdoa totalmente o ofensor, num amor absolutamente gratuito e altruísta, que resgata aquele que é perdoado.

2. O agir misericordioso de Jesus

As parábolas estudadas anteriormente exprimem uma misericórdia infinita, deixando transparecer a relação de Jesus com Deus Pai, que se refletiu sempre na sua maneira de atuar. Segundo J.A. Pagola,⁸³ a misericórdia de Deus não é uma bela teoria sugerida pelas parábolas de Jesus, mas uma realidade fascinante, já que Ele, cheio do Espírito Santo, percorria as aldeias proclamando a boa nova do Reino, curando os doentes, expulsando demónios e

⁸¹ Cf. A.S. VAZ, *Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai*, 119.

⁸² *Ibidem*, 129.

⁸³ Cf. J.A. PAGOLA, *Jesús*, 155.

libertando as pessoas do mal e da exclusão. As fontes afirmam-no com unanimidade (cf. Mt 4, 23-25; Mc 1, 39; Lc 6, 18).

Jesus viveu numa sociedade em que os campos político, social e religioso se interligavam profundamente. Para o povo judeu, que se sentia povo eleito por Deus, havia uma clara consciência da santidade de Deus e uma forte exigência a viver essa santidade (cf. Lv 19, 2). Os chefes religiosos foram promovendo uma separação daqueles povos e daquelas pessoas que eles consideravam “impuros”, por estarem mais afastados da lei ou dos ritos do Templo, ou por causa de alguma doença e assim, a sociedade judaica ao tempo de Jesus, era discriminatória e intolerante. Os sacerdotes e os que viviam à volta do Templo, como fiéis observantes da lei, eram vistos com uma pureza superior ao resto do povo. No extrato mais baixo da sociedade estavam os impuros e excluídos do meio social e religioso, como os pagãos, os pecadores, os doentes e, de certa maneira, as mulheres e as crianças.

Jesus quis mostrar que Deus não discrimina ninguém, mas ama e acolhe a todos sem exceção. “Jesus viveu toda a sua vida pública a fazer-se próximo dos leprosos, dos possessos, dos que viviam mergulhados na miséria, dos sem-abrigo, dos que eram desprezados pela sociedade para lhes dizer que eles têm um lugar especial no coração de Deus”.⁸⁴ No contacto com os Evangelhos deparamo-nos com uma multiplicidade destes exemplos. Desde logo se nota a atenção que Jesus tem pelas pessoas. Ninguém lhe passa despercebido, não por simples curiosidade, mas pelo amor que surge espontaneamente em Si, pela maneira como se compadece perante a tristeza, o desânimo ou o sofrimento de quem com Ele se cruza. Por isso há várias passagens que falam da sua compaixão para com as multidões:

“Contemplando a multidão, encheu-se de compaixão por ela, pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor” (Mt 9, 36//Mc 6, 34).

“Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e, cheio de misericórdia para com ela, curou os seus enfermos” (Mt 14, 14).

“Jesus chamou os discípulos e disse: «Tenho compaixão desta multidão. Há já três dias que permanecem junto de mim e não têm que comer.»” (Mc 8, 1b-2//Mt 15, 32).

É sintomática a manifestação da compaixão de Jesus para com a viúva de Naim, que perde o seu único filho, a quem Jesus ressuscita: “Vendo-a, o Senhor compadeceu-se dela e disse-lhe: ‘Não chores.’” (Lc 7, 13). O que se vê na atuação de Jesus quando se encontra com doentes ou possessos? No Seu tempo as doenças mais comuns que vêm citadas nas fontes são a cegueira, a surdez/mudez, a paralisia de todo o tipo, as doenças de pele, entre as quais a lepra e as doenças mentais do tipo da esquizofrenia, histeria ou epilepsia e outras, que não

⁸⁴ M.A.P. JANEIRO, “A parábola do bom samaritano, hoje”, 60.

eram conhecidas e que muitas vezes se confundiam com “possessões diabólicas”. Jesus também agiu como exorcista libertando os possuídos por “espíritos malignos”, Ele que estava cheio do Espírito de Deus.⁸⁵ Vivendo numa região pobre, a maioria destes doentes era abandonado à sua sorte, sem poder trabalhar e muitos tornavam-se mendigos caindo na miséria. Além de não poderem ter uma vida com dignidade, a doença era vista como um castigo de Deus por algum pecado ou mal praticado pelo doente ou pelos seus ascendentes. “Os israelitas entendem que uma vida forte e vigorosa é uma vida abençoada por Deus e uma vida doente ou mutilada é uma maldição”.⁸⁶ Segundo esta mentalidade os doentes tinham sido abandonados por Deus e deviam ser também excluídos do convívio social e religioso. Os cegos, por exemplo, não podiam entrar no Templo de Jerusalém e por vezes também ficavam fora da cidade; os leprosos eram afastados de toda a convivência, não tanto por medo do contágio, até porque muitos não tinham a lepra contagiosa e sim outras doenças de pele, mas principalmente por serem considerados “impuros” e poderem transmitir essa “impureza” aos que eram olhados como justos e fiéis cumpridores da lei (cf. Lv 13, 45-46). Esses doentes eram as pessoas mais marginalizadas pela sociedade.

Jesus veio para mostrar que eles não foram abandonados por Deus, mas têm um lugar privilegiado no Seu coração e assim se dedicou a curá-los. E fê-lo de maneira totalmente gratuita. Não exigiu nada em troca, apenas quis uma vida sã para todos. “Eles têm que ser os primeiros a experimentar a misericórdia do Pai e a chegada do Seu reino. A sua cura é a melhor “parábola” para que todos compreendam que Deus é, antes de tudo, o Deus dos que sofrem o desamparo e a exclusão”.⁸⁷ Jesus tocava os doentes para expressar a sua proximidade e acolhimento e para que não se sentissem mais excluídos, especialmente os leprosos, que viviam um doloroso isolamento, como se pode ver nas várias citações a este respeito: “Um leproso veio ter com Ele, caiu de joelhos e suplicou: ‘Se quiseres, podes purificar-me.’ Compadecido, Jesus estendeu a mão, tocou-o e disse: ‘Quero, fica purificado.’” (Mc 1, 40-41; Mt 8, 1-3; Lc 5, 12-13). Ao descobrirem a bondade de Jesus e o Seu poder de curar, as pessoas doentes ou os seus familiares, aproximavam-se dele pedindo-lhe que tivesse compaixão. É o caso destes dois cegos:

“Ao sair dali, seguiram-no dois cegos, gritando: ‘Filho de David, tem misericórdia de nós!’ Ao chegar a casa, os cegos aproximaram-se dele, e Jesus disse-lhes: ‘Credes que tenho poder para fazer isso?’ Responderam-lhe: ‘Cremos, Senhor!’ Então, tocou-lhes nos olhos, dizendo: ‘Seja-vos feito segundo a vossa fé.’ E os olhos abriram-se-lhes.” (Mt 9, 27-30).

⁸⁵ Cf. J.A. PAGOLA, *Jesús*, 169.

⁸⁶ *Ibidem*, 158.

⁸⁷ *Ibidem*, 159.

Ou da passagem em que o pai de um jovem que pensa que o filho tem um espírito mudo, pede a Jesus que o cure:

“Jesus perguntou ao pai: ‘Há quanto tempo lhe sucede isto?’ Respondeu: ‘Desde a infância; e muitas vezes o tem lançado ao fogo e á água, para o matar. Mas, se podes alguma coisa, socorre-nos, tem compaixão de nós’. ‘Se podes...! Tudo é possível a quem crê’, disse-lhe Jesus.” (Mc 9, 21-23).

Jesus tenta reavivar a fé das pessoas doentes, para que confiem na bondade de Deus pois isso faz parte da sua ação curadora.⁸⁸ Além de curar fisicamente as pessoas, Jesus também as liberta do pecado e do complexo moral em que vivem. A compaixão é capaz de curar qualquer “lepra” física e espiritual. Provoca uma cura total que inclusivamente reintegra a pessoa no seu meio familiar e social. Jesus realiza milagres, não apenas como sinal do poder de Deus, mas um poder que está ao serviço do amor. “Os milagres de Cristo são manifestações da sua caridade, ativa e compassiva, que se inclina sobre todas as misérias (...) Cristo tem compaixão, sente piedade pelos demais, comove-se ante as suas misérias. Deus é amor e esse amor em Cristo toma forma humana”.⁸⁹

Jesus ao curar os doentes e libertar os possessos anuncia a vitória final da misericórdia divina que liberta o mundo de todo o sofrimento.⁹⁰

Em relação aos pecadores públicos, tais como as prostitutas ou os publicanos, que transgrediam a lei deliberadamente, sem mostrar arrependimento e por isso eram olhados pela sociedade judaica, como traidores da Aliança e “perdidos”,⁹¹ Jesus demonstra-lhes tal acolhimento, que chega a indignar os fariseus e os chefes religiosos. Um exemplo disso é o chamamento de Levi, um publicano, para o grupo dos seus discípulos (cf. Mc 2, 14ss e par), o que exprime a sua misericórdia que não exclui ninguém.⁹² Jesus senta-se frequentemente com esses pecadores à mesma mesa, o que implica uma intimidade grande com eles (cf. Mc 2, 16 e par). Para Jesus os pecadores são doentes que precisam de um médico que os salve e Ele veio para isso: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os enfermos. Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores.” (Mc 2, 17 e par).

⁸⁸ *Ibidem*, 167.

⁸⁹ R. LATOURELLE, *Milagros de Jesus y Teologia del Milagro*, Sígueme, Salamanca, 1990, 317.

⁹⁰ Cf. J.A. PAGOLA, *Jesús*, 174.

⁹¹ *Ibidem*, 199.

⁹² Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 107.

Este comportamento de Jesus manifesta-se até ao fim da sua vida, e mesmo nos momentos mais difíceis, “Ele próprio digno da maior misericórdia (...) quando é preso, ultrajado, condenado, flagelado, coroado de espinhos, pregado na cruz...”⁹³ manifesta a misericórdia divina, pedindo ao Pai que perdoe aos que O haviam maltratado: “Jesus dizia: ‘Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem’” (Lc 23, 34).

Não se pode ter a certeza de que estas palavras tenham sido mesmo proferidas por Jesus, pois apenas Lucas as refere e não aparecem em alguns códices tão importantes e antigos como o Vaticanus, Bezae e nas versões siríaca e copta do Sinaiticus. Mas Lucas, ou talvez um copista do século II, pode tê-las integrado no texto lucano. Essas palavras correspondem ao que terá sido a Sua atitude interior, de perdoar àqueles que O ofenderam, pois durante a sua vida pediu aos seus que “amassem os inimigos” e “orassem pelos seus perseguidores”.⁹⁴

Lucas é ainda o único evangelista a referir o diálogo de Jesus com os dois malfeitores crucificados ao Seu lado. Enquanto um deles O insulta, o outro pede a Jesus que se lembre dele quando estiver no Seu Reino:

“Ora, um dos malfeitores que tinham sido crucificados insultava-o, dizendo: ‘Não és Tu o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós também.’ Mas o outro, tomando a palavra, repreendeu-o: ‘Nem sequer temes a Deus, tu que sofres o mesmo suplício? Quanto a nós fez-se justiça, pois recebemos o castigo que as nossas ações mereciam; mas Ele nada praticou de condenável.’ E acrescentou: ‘Jesus, lembra-te de mim quando estiveres no teu Reino’. Ele respondeu-lhe: ‘Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso.’”(Lc 23, 39-43).

Segundo J.A. Pagola, este diálogo é construído por Lucas para apresentar Jesus como o justo insultado pelos injustos e para anunciar o perdão a todo o pecador arrependido.⁹⁵ Não se pode saber com exatidão as palavras que Jesus terá dito na cruz, pois os soldados não permitiam que ninguém se aproximasse dos crucificados. Admitindo que esta conversa entre os três condenados é uma composição do evangelista, ele descreve aqui, de uma forma muito bela, a maneira misericordiosa que Jesus tem de acolher os pecadores e de lhes manifestar o perdão de Deus.

Para Culpepper, esta cena como muitas outras, é um evangelho em miniatura: Jesus, o Salvador, morrendo entre os pecadores, no meio dos quais também viveu: um que O insulta e

⁹³ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 7.

⁹⁴ Cf. J.A. PAGOLA, *Jesús*, 405-406.

⁹⁵ *Ibidem*, 405, nota 105.

rejeita a Sua misericórdia; outro que defende a inocência de Jesus e é salvo porque está aberto ao reino de Deus e acolhe a Sua misericórdia.⁹⁶

Tendo sido acusado de se fazer passar pelo Messias de Deus, o Eleito, a verdade é que Jesus tem o poder de salvar todo aquele que acredita e recorre à Sua misericórdia. E não é preciso esperar muito tempo. Lucas faz referência ao “hoje” da salvação. “Tal como os pobres, os coxos, os cegos e os estropiados na parábola de Jesus sobre o grande banquete (cf. Lc 14, 21), o criminoso iria festejar com Jesus, aquele dia, no paraíso”.⁹⁷

Na Encíclica “Rico em Misericórdia”, João Paulo II afirma:

“Crer no Filho crucificado significa ‘ver o Pai’ (cf. Jo 14, 9), significa crer que o amor está presente no mundo e que o amor é mais forte do que toda a espécie de mal em que o homem, a humanidade e o mundo estão envolvidos. Crer neste amor significa *acreditar na misericórdia*.”⁹⁸

Os relatos evangélicos não terminam com a morte de Jesus, mas com a Sua ressurreição. No pensamento de J.C. Carvalho, a ressurreição de Jesus é uma confirmação por parte de Deus do perdão concedido por Jesus aos que O ofenderam.⁹⁹ Segundo este autor, “ (...) a lógica do mal não é definitiva. Venceu outra regra – a do perdão. Jesus é o perdão de Deus.”¹⁰⁰ Nas aparições do Ressuscitado aos Seus discípulos, que O tinham traído, negado e abandonado, Jesus não pede justificação para os seus atos, apenas lhes transmite a Sua paz, o Seu amor, chama-lhes irmãos e confia neles para continuarem a Sua missão. Jesus perdoa-os e reabilita-os, dando-lhes o Seu Espírito. Mais uma vez nos deparamos com a manifestação do Seu amor misericordioso, que perdoa sem cessar, como lhes tinha ensinado durante a Sua vida terrena.

Toda a vida de Jesus incluindo a Sua morte e a Sua ressurreição dá mostras da Sua imensa compaixão, sendo de verdade uma “boa nova da salvação”, no apoio aos mais débeis e necessitados, no acolhimento dos marginalizados e no perdão e reabilitação dos pecadores, podendo dizer-se, na sequência de Léon-Dufour, que Jesus com a Sua vida “proclama o Evangelho da misericórdia infinita”.¹⁰¹

⁹⁶ Cf. R.A. CULPEPPER, “The Gospel of Luke”, 459.

⁹⁷ *Ibidem*, 458.

⁹⁸ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 7.

⁹⁹ Cf. J.C. CARVALHO, “O Jesus da história entre a lei e o amor”, *Didaskalia*, Volume XLI, 1 (2011) 240.

¹⁰⁰ *Ibidem*

¹⁰¹ X. LÉON-DUFOUR, “Misericórdia”, 597.

3. Conclusão

Jesus viveu empenhado em anunciar um Deus misericordioso que é Pai, que se faz próximo dos mais necessitados, que acolhe a todos, que inclui os excluídos da sociedade, que se compadece dos que sofrem, que perdoa aos pecadores e por isso os quer curar e libertar do pecado. Anunciou-o com palavras e com a Sua própria vida.

As parábolas aqui estudadas e toda a vida de Jesus, demonstram que a misericórdia é a característica fundamental da identidade de Deus. É esta a opinião do Cardeal W. Kasper: “Segundo o testemunho de toda a Escritura, tanto do Antigo como do Novo Testamento, a misericórdia é o atributo de Deus que ocupa o primeiro lugar na autorrevelação de Deus na história da salvação”.¹⁰²

É também este o parecer de M.A.P. Janeiro:

“Jesus organizou toda a sua vida em torno desta profunda convicção: o que Ele quis, o que Ele procurou insistentemente foi instaurar na história o modo de proceder com misericórdia. Deus é grande e santo, não porque demonstra o seu poder excluindo alguém, mas porque ama a todos sem exceção e de todos se quer compadecer. Neste contexto, a misericórdia não é, para Jesus, mais um atributo divino, mas a própria maneira de ser de Deus”.¹⁰³

Veja-se ainda neste sentido, o que pensa J.A. Pagola:

“A compaixão é o modo de ser de Deus, a sua primeira reação ante o ser humano, o primeiro que brota das suas entranhas de Pai. (...) Por isso, a compaixão é, para Jesus, a maneira de imitar a Deus e ser santos como Ele. Olhar as pessoas com amor compassivo é parecer-se a Deus; ajudar os que sofrem é atuar como Ele.”¹⁰⁴

Na perspectiva de João Paulo II, Cristo proclama ainda mais com obras do que com palavras, a misericórdia de Deus, como componente essencial do Evangelho e como apelo a que todos a vivam.¹⁰⁵ É neste sentido que Jesus desafia as pessoas a serem misericordiosas, tal como Seu Pai o é (cf. Lc 6, 36). Ser compassivo apoiando os que sofrem, acolhendo a todos sem exceção, aproximando-se dos necessitados e perdoadando incansavelmente é então o caminho de vida para os que querem seguir e imitar Jesus e por sua vez, o Pai.

¹⁰² W. KASPER, *La misericordia*, 92.

¹⁰³ M.A.P. JANEIRO, “A parábola do bom samaritano, hoje”, 59.

¹⁰⁴ J.A. PAGOLA, *Jesús*, 197.

¹⁰⁵ Cf. JOAO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 2.

IV. - CAPÍTULO: A NOVIDADE DE JESUS NO CONTEXTO DE UMA PERCEÇÃO BÍBLICA DA MISERICÓRDIA

O conceito de misericórdia de Deus foi evoluindo ao longo do AT, mas só Jesus Cristo revelou a sua plenitude. Como anteriormente referi, a misericórdia é a maneira própria de ser de Deus. Por isso, antes de Jesus Cristo não era possível atingir a profundidade do conceito, como explica João no prólogo do seu Evangelho: “A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer.” (Jo 1, 18). Neste capítulo pretendo abordar a novidade de Jesus nesse campo, que constituiu uma profunda mudança no que concerne à visibilidade, eficácia e atualização da misericórdia de Deus.

1. Jesus, a encarnação da misericórdia de Deus

Pode-se dizer que Jesus não veio mudar, de forma significativa, aquilo que se conhecia sobre a misericórdia de Deus, mas a maneira como encarnou a misericórdia na sua vida, tornou-se uma verdadeira ‘revolução’ no modo de a compreender e de a pôr em prática. A misericórdia é, antes de mais, um dom de Deus a cada ser humano. Neste sentido a grande novidade do Novo Testamento é a pessoa de Jesus, como o maior dom de Deus à humanidade, porque Ele é a encarnação da misericórdia de Deus, tornando-a visível e concreta, na sua forma mais verdadeira e profunda. Bento XVI, na sua primeira Encíclica, refere-se a esta ideia do seguinte modo:

“A verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em novas ideias, mas na própria figura de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos – um incrível realismo (...). Esta acção de Deus ganha agora a sua forma dramática no facto de, em Jesus Cristo, o próprio Deus ir atrás da “ovelha perdida”, a humanidade sofredora e transviada. Quando Jesus fala, nas suas parábolas, do pastor que vai atrás da ovelha perdida, da mulher que procura a dracma, do pai que sai ao encontro do filho pródigo e o abraça, não se trata apenas de palavras, mas de uma explicação do seu próprio ser e agir.”¹⁰⁶

Deste modo e em relação à misericórdia, cuja verdadeira novidade é Jesus Cristo, parece-me importante referir aqui três ideias abordadas ao longo deste trabalho:

¹⁰⁶ BENTO XVI, *Deus Caritas Est*, 12.

- a) Através de Jesus a Aliança de Deus estendeu-se a toda a humanidade;
- b) Com Jesus, a misericórdia manifestou-se de igual para igual;¹⁰⁷
- c) Em Jesus o perdão precede o arrependimento e a mudança de vida do pecador, proporcionando-os.

Em seguida farei uma abordagem mais extensiva dos itens acima referidos.

- a) Através de Jesus a Aliança de Deus estendeu-se a toda a humanidade.

A convicção dos homens piedosos de Israel, alguns séculos antes de Jesus Cristo, era de que deveriam amar e perdoar o seu próximo, ou seja, exercer a misericórdia para com as pessoas do seu povo ou da sua religião. Acreditavam que era apenas com eles que Deus tinha estabelecido a Sua Aliança. Mais tarde, nos últimos livros do AT, vamos percebendo que esse horizonte se alarga: no livro de Jonas (cf. Jn 4, 2), mostra-se que Deus oferece o seu perdão a todos os povos e no livro de Ben-Sira, aconselha-se que o perdão seja praticado para com todo o semelhante (cf. Sir 28).¹⁰⁸

Com Jesus não há dúvidas de que a Aliança de Deus se estende a toda a humanidade. Ele vem revelar-nos que Deus ama a todos sem exceção e a todos quer salvar. Isso está enunciado nas cartas de Pedro e de Paulo: “ (...) a vós que outrora não éreis um povo, mas sois agora povo de Deus, vós que não tínheis alcançado misericórdia e agora alcançastes misericórdia” (1 Pe 2, 10); “Outrora vós desobedecestes a Deus, mas agora alcançastes misericórdia, devido à desobediência deles; do mesmo modo, também eles desobedeceram agora, em favor da misericórdia que alcançastes, para que também eles venham agora a alcançar misericórdia. Porque Deus encerrou a todos na desobediência, para com todos usar de misericórdia” (Rm 11, 30-32); “Isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2, 3-4). Nestes textos, os apóstolos referiam-se aos gentios, que não faziam parte do povo da Aliança, mas com Jesus Cristo, todos os homens e mulheres são povo de Deus e são objeto da misericórdia divina, pois Deus a todos quer salvar. É também esse o sentido das palavras de Paulo aos Gálatas: “Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus.” (Gl 3, 28).

Esta universalidade da salvação pela manifestação da misericórdia de Deus a todas as pessoas, é uma verdadeira ‘Boa Nova’, que nos chegou com Jesus Cristo. Em consequência da misericórdia de Deus e à sua semelhança, Jesus desafiou-nos também a ser misericordiosos

¹⁰⁷ Cf. A.S. VAZ, “Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai”, 113.

¹⁰⁸ Cf. X. LÉON-DUFOUR, “Misericórdia”, 597.

para com todos os irmãos que a necessitem. Este ensinamento está patente na parábola do bom samaritano, já referenciada no III capítulo. Citando as palavras de W. Kasper:

“O novo da mensagem de Jesus com respeito ao Antigo Testamento é que ele anuncia a misericórdia divina de forma definitiva e para todos. Jesus abre o acesso a Deus não só a uns quantos justos, mas a todos; no reino de Deus há sítio para todos, ninguém é excluído.”¹⁰⁹

b) Com Jesus, a misericórdia manifestou-se de igual para igual.

Relembrando o hino cristológico de Paulo, na carta aos Filipenses, onde se refere que Jesus, ao fazer-se homem, se rebaixou, tornando-se semelhante aos homens (cf. Fl 2, 6-8), percebemos que o amor misericordioso de Deus manifestado em Jesus é-nos dado de igual para igual, ou seja, Jesus pôs-se ao mesmo nível do ser humano para assim o poder salvar.

No AT a misericórdia de Deus era vista como a benevolência de um Deus Todo Poderoso e distante, que estava no Céu e a enviava à humanidade perdida.¹¹⁰ Jesus que se fez tão próximo do ser humano e experimentou a sua miséria, exerceu a misericórdia no contacto com muitos doentes, pecadores e todo o tipo de marginalizados e especialmente com a entrega da Sua vida por amor de todos.¹¹¹ Por isso Ele foi misericordioso com as pessoas sem se sentir superior, de um modo tão humilde, que mesmo os pecadores se sentiam bem ao seu lado. O texto da mulher adúltera evidencia bem a maneira de ser de Jesus. A Sua atitude, palavras e comportamento revelam a misericórdia para com aquela mulher. Não tendo sido condenada por ninguém, não saiu do local envergonhada, pelo contrário, saiu do recinto do Templo reabilitada.

Outra cena que mostra a maneira como Jesus acolhia os pecadores e vivia na sua intimidade (não se envergonhando pelo convívio com eles, nem deixando que fossem humilhados), é uma refeição em casa de um fariseu, em que Jesus se deixou tocar e beijar por uma mulher, conhecida como pecadora, em frente de todos os convidados (cf. Lc 7, 36-50). O fariseu que convidou Jesus ficou escandalizado por Ele se deixar tocar e beijar assim, pois a impureza dos pecadores era vista pelos que cumpriam a lei, como contagiosa. Ninguém de bem podia conviver, nem muito menos deixar-se tocar por pecadores públicos. Jesus contou-lhe uma história e fê-lo perceber que a mulher agiu assim por amor, porque foi acolhida e perdoada por Jesus. A mensagem que transmitiu ao fariseu e a todos nós, é que aquele que muito ama, fá-lo porque se sente amado e perdoado. Ao contrário, aquele que vive num pedestal e acha que não necessita acolher o perdão de Deus, ama pouco. A relação humana de

¹⁰⁹ W. KASPER, *La misericordia*, 71.

¹¹⁰ Cf. A.S. VAZ, “Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai”, 113.

¹¹¹ *Ibidem*.

amor produz pessoas melhores e mais delicadas do que a relação religiosa do cumprimento estrito da lei.¹¹² No meio de muitos murmúrios dos outros convidados contra Jesus, Ele serenamente disse à mulher: “A tua fé te salvou. Vai em paz.” (Lc 7, 50). Jesus devolveu-lhe a dignidade que ela tinha perdido.

São pertinentes as palavras D. Bonhoeffer:

“As pessoas misericordiosas oferecem a sua própria honra aos desonrados e deitam sobre si mesmas a desonra destes. Cabe encontrá-las ao lado de publicanos e pecadores e assumem de bom grado a ignomínia de frequentar a sua companhia. Sacrificam o maior bem do ser humano – a dignidade e a honra pessoais – e são misericordiosas. Só conhecem uma dignidade e uma honra: a misericórdia do seu Senhor, o único do qual vivem. Ele não se envergonhou dos seus discípulos, foi um irmão para os seres humanos, carregou com a sua desonra até à morte na cruz. Tal é a misericórdia de Jesus...”¹¹³

A encarnação de Jesus que O fez tão próximo do ser humano, tornou a salvação possível a todos, mesmo aos que até ali eram vistos como “malditos” e “impuros”, por estarem à margem da lei ou não praticarem a religião. Jesus dirigiu-se aos desprezados, aos humilhados e aos pecadores acolhendo-os na Sua comunhão e doando-se de uma forma pessoal e quase única, possibilitando assim a sua salvação.¹¹⁴

c) Em Jesus o perdão precede o arrependimento e a mudança de vida do pecador, proporcionando-os.

Há uma verdadeira novidade que deve ser atribuída a Jesus e cuja prática Ele tornou efetiva: o modo de Deus perdoar os pecados, que se prende intrinsecamente com a Sua maneira de ser misericordioso. Neste perdão que oferecia às pessoas, Jesus atuava em nome de Deus, como Seu representante. É o caso do episódio da cura de um paralisado (cf. Mc 2, 1-12). Levaram o paralisado a Jesus que lhe disse: “Filho, os teus pecados estão perdoados” (Mc 2, 5b). Perante o pensamento de alguns doutores da lei que achavam que Jesus blasfemava, pois apenas Deus podia perdoar os pecados, Jesus curou o paralisado dizendo: “Que é mais fácil fazer: Dizer ao paralisado: ‘os teus pecados estão perdoados’, ou dizer: ‘levanta-te, pega no teu catre e anda’? Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem na terra poder para perdoar os pecados, Eu te ordeno – disse ao paralisado: ‘levanta-te, pega no teu catre e vai para tua casa.’ Ele levantou-se e, pegando logo no catre, saiu à vista de todos...” (Mc 2, 9-

¹¹² Cf. J.M. CASTILLO, *Víctimas del pecado*, Trotta, Madrid, 2005, 61.

¹¹³ D. BONHOEFFER, *El precio de la gracia: el seguimiento*, Sígueme, Salamanca, 1986, citado por W. KASPER, *La Misericordia*, 136.

¹¹⁴ Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 112.

12a). Jesus tinha poder para perdoar os pecados em nome de Deus, como Ele mesmo disse. Esse perdão era uma oferta de salvação para aqueles que o recebiam. Nesse perdão Jesus pensava na reabilitação das pessoas que normalmente viviam desprezadas e rejeitadas pelos mais poderosos.

Jesus oferecia esse perdão de uma maneira inovadora. O povo judeu acreditava no perdão dos pecados por Deus, mas o pecador devia primeiro mostrar-se arrependido e oferecer os sacrifícios apropriados pelo pecado. Devia também abandonar a vida de pecado e voltar ao cumprimento da lei. Poderia ainda ter que reparar os danos causados a terceiros.¹¹⁵ A novidade de Jesus consistiu no acolhimento dos pecadores sem previamente lhes exigir o arrependimento e antes que voltassem à lei. O próprio precursor de Jesus, João Baptista, apenas batizava aqueles que se mostravam arrependidos dos seus pecados:

“João Baptista apareceu no deserto, a pregar um batismo de arrependimento para a remissão dos pecados. Saíam ao seu encontro todos os da província da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém e eram batizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados.” (Mc 1, 4-5).

Jesus é mesmo inovador nesta questão, pois para Ele “primeiro, está o perdão, a oferta da salvação, não a exigência de conversão.”¹¹⁶ O perdão dado por Jesus, não só através das suas palavras, mas também pela forma como acolhia os pecadores e os integrava na Sua comunhão e na Sociedade, desencadeava neles um recomeço, uma mudança de vida. Este perdão que Jesus oferecia não tinha condições, era totalmente gratuito. Por isso possibilitava a conversão. Cito as palavras de J.A. Pagola, que tão bem resumem esta ideia:

“Jesus oferece o perdão de Deus e confia na Sua misericórdia, que saberá recuperar os seus filhos e filhas perdidos. Aproxima-se, acolhe-os e inicia com eles um caminho para Deus que apenas se sustenta na Sua compaixão infinita. Ninguém realizou nesta terra um sinal mais carregado de esperança, um sinal mais gratuito e mais absoluto do perdão de Deus.”¹¹⁷

No episódio da mulher adúltera, anteriormente estudado, Jesus podendo condená-la, não o fez e, apesar de não o dizer expressamente, perdoou os seus pecados, com a esperança de que ela mudasse de conduta e assim a enviou. Não lhe pediu mostras de arrependimento, nem condicionou o perdão a uma resposta posterior da sua parte, apenas a perdoou e certamente lhe deu a confiança necessária para começar uma vida nova. Nesta perícopa percebe-se que Jesus situa todas as pessoas ante a misericórdia de Deus: os cumpridores da lei

¹¹⁵ Cf. J.A. PAGOLA, *Jesús*, 207.

¹¹⁶ J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 107.

¹¹⁷ J.A. PAGOLA, *Jesús*, 208.

(no caso, os fariseus e doutores da lei) e os pecadores (no caso, a mulher adúltera). Só ficam fora do perdão de Deus aqueles que não o acolhem. Ninguém merece o perdão, pois não são os feitos humanos que o alcançam, é Deus que o dá gratuitamente, porque Ele é amor misericordioso. Nas palavras de A.S. Vaz:

“Esta é a suprema revelação de Jesus: que Deus é amor apaixonado, mesmo por quem não o merece; é Misericórdia. O traço distintivo da revelação de Jesus foi o inconcebível: a possibilidade de acesso à salvação por parte de toda a espécie de malfeitores, desde que O amem. Só Deus pode cometer esse excesso.”¹¹⁸

Este modo de pensar e de atuar de Jesus escandalizou e tornou-se intolerável para muitos dos dirigentes religiosos do seu tempo. Mas para aqueles que O entenderam e acolheram, “(...) este Deus sugerido por Jesus era a melhor notícia.”¹¹⁹ Talvez por isto se diga que Jesus veio para os pobres, doentes e pecadores. Não é que Jesus só tenha vindo para estes, Jesus veio para todos, mas talvez aqueles tenham sido os que melhor receberam a Sua mensagem, porque se sentiram acolhidos pelo Deus da misericórdia, eles que humanamente tinham sido excluídos e desprezados.

2. Jesus aperfeiçoa a lei na perspectiva do reino de Deus

Jesus veio atualizar o que já se conhecia da lei de Moisés, aperfeiçoando-a de acordo com o espírito com que tinha sido dada, de acordo com a verdade e o amor de Deus. Como diz S. João no Evangelho: “É que a lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram-nos por Jesus Cristo” (Jo 1, 17).

“A lei dada por Deus no Antigo Testamento é fruto da sua bondade, não uma limitação da liberdade, como às vezes se entende. Nessa lei existem princípios que inspiram os chamados direitos fundamentais. Por aí Deus mostra a sua misericórdia.”¹²⁰ A misericórdia de Deus consistiu em tirar o povo de Israel da tirania e da ilegalidade em que vivia, assim como viviam alguns dos povos vizinhos. Com a lei igual para todos, todos se tornaram iguais. Perante o dom da lei, Deus pediu ao povo que a ratificasse e que a pusesse em prática.¹²¹ Era uma lei que correspondia a um caminho de vida e de amor. Deus é rico em misericórdia,

¹¹⁸ A.S. VAZ, “Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai”, 123.

¹¹⁹ J.A. PAGOLA, *Jesús*, 209.

¹²⁰ J.C. CARVALHO, “Do Deus da justiça ao Deus da misericórdia”, *Bíblica, série científica*, Ano XV (2006), 87.

¹²¹ *Ibidem*, 88-89.

exatamente por querer o bem para todos. Por isso a lei não se opõe ao amor, nem a justiça à misericórdia, pelo contrário, devem complementar-se e ser expressões da verdade. Jesus como bom judeu, não falou nem atuou contra a lei de Moisés, dada por Deus. O que Jesus fez foi denunciar uma interpretação farisaica da lei, que por vezes servia para oprimir os mais desfavorecidos daquela sociedade, pois os ensinamentos e as leis quando são pervertidos em função do próprio sujeito, deixam de cumprir a sua função.¹²² Jesus veio também libertar as pessoas do fixismo da lei e de alguns preceitos que foram com o tempo transformados em lei de Moisés, mas que inicialmente não o eram. Além disso na província da Judeia do primeiro século a percepção e a interpretação da lei divergia de acordo com os diferentes movimentos e seitas: os fariseus, os saduceus, o grupo de Qumran, os samaritanos ou o judaísmo grego.¹²³

Paulo na carta aos Romanos dá-nos a entender que Jesus nos liberta da lei, não para deixarmos de a cumprir, porque ele diz que “ (...) a lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom” (Rm 7, 12), mas para não pensarmos que é pela prática da lei e sobretudo, pela sua interpretação rigorosa e à letra, que obteremos a salvação. Ele apela a que acolhamos todos a misericórdia de Deus manifestada em Jesus Cristo, pois assim é que seremos salvos (cf. Rm 9, 16).

Um dos momentos de denúncia da vivência farisaica da lei, feito por Jesus, é a parábola do fariseu e do publicano, que se encontra no Evangelho de Lucas (cf. Lc 18, 9-14). Na introdução à parábola, Lucas diz que Jesus a contou por causa “(...) de alguns que confiavam muito em si mesmos, tendo-se por justos e desprezando os demais.” (Lc 18, 9). De facto a história fala de um fariseu e de um cobrador de impostos que subiram ao Templo para orar. O fariseu dava graças a Deus por aquilo que era, mostrando-se seguro de si porque cumpria a lei. Não era como os pecadores nem como aquele publicano que tinha entrado no Templo juntamente consigo. O cobrador de impostos sabendo-se pecador, mantinha-se à distância, apenas apelando à misericórdia de Deus. Jesus concluiu dizendo que este voltou justificado para casa, enquanto o outro não. Isto deve ter soado estranho aos ouvintes de Jesus. O que se supunha era que no Templo, Deus acolhia e abençoava as pessoas justas e cumpridoras da lei e excluía os impuros e os pecadores.¹²⁴ Jesus rompeu os esquemas vigentes, sugerindo algo novo: a novidade de Jesus foi precisamente mostrar que no reino de Deus, a última palavra não a tem a lei, mas a misericórdia de Deus que acolhe a invocação do humilde. Isto era um incentivo a que as pessoas não se sentissem superiores umas às outras, mas que se apoiassem em Deus e confiassem na Sua misericórdia.

¹²² Cf. J.C. CARVALHO, “O Jesus da história”, 244.

¹²³ *Ibidem*, 238.239.244.

¹²⁴ Cf. J.A. PAGOLA, *Jesús*, 138.

Uma concretização por parte de Jesus da libertação do fixismo da lei, foi a sua visão do descanso sabático. Jesus não teve como objetivo abolir o sábado, Ele mesmo o viveu, mas quis devolver-lhe o seu verdadeiro sentido:¹²⁵ “O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado.” (Mc 2, 27). Se o sábado tinha sido feito em função das pessoas, não fazia sentido que não se pudesse curar uma pessoa ao sábado. Assim, Jesus realizou várias curas em dia de sábado (cf. Lc 13, 10ss; Mc 3, 1ss e par; Jo 5, 9ss; Jo 9, 14), o que enfurecia os fariseus e os doutores da lei. Jesus indignava-se com a dureza dos seus corações, pois a sua perspectiva legalista, em muitas ocasiões, valorizava mais o exterior do que o ser.¹²⁶ A preocupação de Jesus era a pessoa em causa, que se sobrepunha à questão legal, mostrando mais uma vez que a Sua misericórdia tinha a última palavra.

Outra situação que Jesus criticou e que se prendia também com a interpretação farisaica da lei, refere-se ao mandamento de honrar pai e mãe. Segundo a visão judaica daquele tempo, o respeito pelo pai e pela mãe incluía a obrigação do seu sustento. Mas algumas interpretações entendiam que os filhos ficavam livres dessa obrigação, se entregassem essa oferta para o Templo, sob a fórmula de juramento *qorban*, que significava “dom consagrado”.¹²⁷ Jesus foi contra esta interpretação e esta prática, que no fundo descuidava o que a lei queria proteger: o cuidado dos pais de uma certa idade, que estavam mais desamparados. Jesus advertiu os fariseus e os doutores da lei, que assim pensavam, dizendo-lhes que eles anulavam o mandamento de Deus, para se prenderem à tradição dos homens (cf. Mc 7, 9ss e par).

As palavras de Jesus acerca da lei foram variadas. Por vezes revalidava ensinamentos da lei que tivessem sido interpretados em função de algum interesse particular, outras vezes criticava interpretações rígidas da mesma lei. A sua preocupação era que o ser humano fosse bom, de acordo com a vontade de Deus. A sua atitude perante a lei era em função da salvação das pessoas. Ele rejeitou conceções da lei que menosprezassem ou escravizassem alguém.¹²⁸

Jesus também enunciou os seus próprios ensinamentos, que podiam corresponder ou não, ao que dizia a lei escrita, mas normalmente aperfeiçoavam-na desde o ponto de vista do amor. O povo reconhecia em Jesus uma autoridade para assim poder falar. Segundo J.C. Carvalho: “Vários ensinamentos de Jesus, por paradoxais que possam parecer, são acolhidos porque o próprio Jesus é, de facto, um líder carismático, alguém em quem o povo reconhece uma capacidade intuitiva para interpretar a lei, para intuir o seu sentido (...).”¹²⁹

¹²⁵ Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 210.

¹²⁶ *Ibidem*, 211.

¹²⁷ *Ibidem*.

¹²⁸ *Ibidem*, 213.

¹²⁹ J.C. CARVALHO, “O Jesus da história”, 246.

De seguida irei referir alguns desses ensinamentos, relacionados com a inovação de Jesus e com o tema da misericórdia. Eles vêm enunciados por Mateus e por Lucas, nos conhecidos sermões da montanha e da planície, respetivamente, e são na sua essência muito semelhantes (cf. Mt 5, 38-48; Lc 6, 27-36). São instruções de grande radicalidade no que toca à maneira de concretizar o amor:

“Ouvistes o que foi dito: *Olho por olho e dente por dente*. Eu, porém, digo-vos: Não oponhais resistência ao mau. Mas, se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra.” (Mt 5, 38-39); “A quem te bater numa das faces, oferece-lhe também a outra;” (Lc 6, 29); “Se alguém quiser pleitear contigo para te tirar a túnica, dá-lhe também a capa.” (Mt 5, 40); “E a quem te levar a capa, não impeças de levar também a túnica.” (Lc 6, 29); “Dá a todo aquele que te pede e, a quem se apoderar do que é teu, não lho reclames.” (Lc 6, 30); “Dá a quem te pede e não voltas as costas a quem te pedir emprestado.” (Mt 5, 42); “ (...) fazei o bem e emprestai, sem nada esperar em troca.” (Lc 6, 35); “Ouvistes o que foi dito: *Amarás o teu próximo* e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem. Fazendo assim, tornar-vos-eis filhos do vosso Pai que está no Céu, pois Ele faz com que o sol se levante sobre os bons e os maus e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores.” (Mt 5, 43-45); “Amam os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, abençoai os que vos amaldiçoam, rezai pelos que vos caluniam.” (Lc 6, 27-28).¹³⁰

Estes ensinamentos de Jesus convidam a não responder ao mal com o mal, contrariando a lei de talião (Olho por olho, dente por dente... cf. Ex 21, 24) e até a ir mais longe, respondendo com o bem, oferecendo a outra face, dando a capa para além da túnica, dando e emprestando sem nada esperar em troca. Jesus utiliza exemplos que têm a ver com leis daquele tempo, que permitiam pedir uma indemnização a quem batesse na face (que era e continua a ser uma coisa humilhante), ou impediam de levar a capa do pobre, pois era tudo o que tinha para se proteger do frio (cf. Ex 22, 25-26).¹³¹ Assim, não é necessário levar à letra “a outra face”, mas Jesus usa esta linguagem exigente, para apelar a um amor verdadeiro, absoluto e incondicional ao próximo. É uma ética nova que propõe o descentramento de si mesmo, para se centrar no outro.¹³² Este amor ilimitado proposto por Jesus, visa os que querem ser seus discípulos.

¹³⁰ Na versão de Mateus estes ensinamentos de Jesus encontram-se sob a forma de antíteses (“Ouvistes o que foi dito... Eu, porém, digo-vos...”). Alguns investigadores (como M.H. Suggs, citado por J. Gnilka, *Jesus de Nazaré*, 204, nota 21) não atribuem a Jesus esta maneira de se exprimir, mas remetem a origem destas antíteses ao judeo-cristianismo, no seu conflito com o judaísmo, sendo este o motivo de se encontrarem apenas no Evangelho de Mateus.

¹³¹ Cf. M. DUMAIS, *Le Sermon sur la Montagne (Matthieu 5-7)*, (Cahiers Évangile 94), Cerf, Paris, 1996, 39.

¹³² *Ibidem*, 40.

Amar os inimigos parece ser a exigência mais radical e é o ponto mais alto da misericórdia e do amor, exigido por Jesus,¹³³ pois engloba atitudes e gestos concretos, como rezar, abençoar, cumprimentar e fazer o bem a quem fez o mal. Jesus diz que não se deve responder com violência, à violência, mas sim com amor humilhado, gratuito e misericordioso. Este amor não significa fraqueza nem resignação passiva, é uma tentativa de vencer o mal com o bem, rompendo a espiral de violência.¹³⁴

O mandamento do amor aos inimigos, citado por Jesus, foi uma novidade para aquele tempo. Ele tem alguma ligação com o mandamento veterotestamentário do amor ao próximo (cf. Lv 19, 18), embora seja muito distinto quanto ao objeto do amor, que deixa de ser o próximo para ser o inimigo, o que faz toda a diferença. No AT havia alguns preceitos que se aproximavam a este ensinamento, no sentido de ajudar os inimigos, como por exemplo, no livro do Êxodo: “Quando encontrares um boi do teu inimigo ou o seu jumento, desgarrados, tu lhos levarás de volta.” (Ex 23, 4), ou no livro dos Provérbios: “Se o teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer; se tem sede, dá-lhe de beber, porque assim o farás corar de vergonha e o Senhor te recompensará.” (Pr 25, 21-22). Só que nenhum deles falava em amar os inimigos. Ainda que esta teoria já existisse em filósofos anteriores a Jesus Cristo ou em outras religiões, a maneira como Jesus a enuncia é totalmente original. Os filósofos estoicos viam o amor aos inimigos como uma coisa normal que servia para respeitar a natureza, com a qual os homens formam um todo orgânico, que o ódio desarticula.¹³⁵ Para Jesus a tendência humana natural não é amar os inimigos, mas amar aqueles que nos amam. O objetivo que Jesus propõe para viver este amor radical é o de que aquele que o pratica se torne filho de Deus. A fundamentação que apresenta é imitar o comportamento de Deus que ama todos os seus filhos, até os ingratos e os maus.

Todas estas instruções devem ter parecido pouco razoáveis às pessoas que as escutaram no tempo de Jesus e continuam a ser vistas como demasiado exigentes pelos cristãos do nosso tempo. Por isso tão poucos as põem em prática. Mesmo assim isso não deve ser motivo para desistir e os crentes devem pedir a Deus o dom de viver esse amor.

Jesus praticou o que anunciou, viveu sem qualquer tipo de violência, não ofereceu resistência aos que O maltrataram, rezou e perdoou os seus inimigos. A convergência entre o que Ele anunciou e viveu gera credibilidade e garante a autenticidade destes ensinamentos, como sendo proferidos por Jesus.¹³⁶

¹³³ Cf. W. KASPER, *La misericórdia*, 137.

¹³⁴ Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 220.

¹³⁵ Cf. M. DUMAIS, *Le Sermon sur la Montagne*, 43.

¹³⁶ Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 221.

Ao exortar os seus ouvintes a imitarem o Pai na maneira de ser misericordioso (cf. Lc 6, 36), Jesus mostrou que o ser humano não fica abandonado a si mesmo, no cumprimento desta tarefa árdua. “Ele (o ser humano) é alguém que aceitou a mensagem da soberania de Deus, que se tornou discípulo de Jesus e seu seguidor, que experimenta o amor de Deus junto dele. A *Imitatio Dei*, na exortação a ser misericordioso como Deus, não é apenas um imperativo, ela também encerra a capacitação para tal. A capacitação acontece na palavra e na acção de Jesus.”¹³⁷

Estes ensinamentos de Jesus visam aqueles que acreditam e querem ser seus discípulos. Jesus convida a estabelecer novas relações entre as pessoas com base num amor misericordioso à semelhança do amor do Pai, introduzindo a semente de um novo tipo de sociedade a que Ele chamou o reino de Deus.¹³⁸

3. Conclusão

Reconhecendo que este capítulo é o ponto de chegada dos três anteriores e que nele se deduzem considerações do que foi sendo abordado anteriormente, apresento apenas uma breve conclusão.

Aquilo que Jesus Cristo trouxe de novo, no que toca à misericórdia de Deus, foi absolutamente revolucionário para o seu tempo e mudou para sempre a imagem de Deus e a sua proposta de viver a misericórdia. Jesus encarnou a misericórdia de Deus e assim, tornou-a visível, eficaz e universal pois abriu o reino de Deus a todas as pessoas. Aquilo que a lei tinha pretendido fazer em relação ao povo da Aliança, tornando todos iguais perante a lei, Jesus estendeu a todos os excluídos, dentro e fora do povo de Israel. Jesus veio revelar que todos são igualmente amados por Deus e a todos Ele concede a Sua misericórdia.

No que se refere à lei, Jesus quis reavivar o espírito com que tinha sido dada desde o início e aperfeiçoá-la na sua interpretação e concretização, desde a perspectiva do reino de Deus, que é o amor. Na carta aos Romanos Paulo diz que “é no amor que está o pleno cumprimento da lei.” (Rm 13, 10). Nas palavras de J. Gnilka: “O amor rasga novas perspectivas, novos horizontes, permite ver aquilo que é necessário, que a Lei não vislumbra, olha com compaixão para aqueles que se encontram caídos à beira do caminho e ignora que este seja um inimigo.”¹³⁹ Jesus propôs um amor que abre novos horizontes, um amor radical que vai até ao ponto de amar os próprios inimigos. Nisso consiste a misericórdia à semelhança

¹³⁷ *Ibidem*, 229.

¹³⁸ Cf. M. DUMAIS, *Le Sermon sur la Montagne*, 41.

¹³⁹ J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 235.

de Deus, que ama a todos, até aqueles que aparentemente não merecem. Jesus sugeriu-o aos seus seguidores porque foi também o que Ele viveu de forma coerente. Nestes pouco mais de dois mil anos de cristianismo percebemos a dificuldade que tem sido pôr em prática estes ensinamentos. Não significa por isso que deixem de estar em vigor. Abdicar deles seria abdicar da identidade cristã. Algumas vidas continuam a dar testemunho de que é possível vivê-los numa união profunda a Jesus. Resta dispormo-nos a isso e abrimo-nos à Sua ajuda.

CONCLUSÃO

Ao centrar o tema desta dissertação sobre a misericórdia de Deus na pessoa de Jesus Cristo, procurei percorrer alguns momentos da Sua vida, onde está patente que Ele anunciou e praticou a misericórdia de uma forma extraordinária.

Iniciei o trabalho com um estudo sobre o significado e evolução do sentido da palavra misericórdia, do AT ao NT. No entanto, o teor da minha pesquisa levou a dar maior relevância a este assunto no NT, onde a figura de Jesus vem dar uma nova dimensão à misericórdia. Como refere João Paulo II na Encíclica “Rico em Misericórdia”: “Cristo confere a toda a tradição do Antigo Testamento quanto à misericórdia divina sentido definitivo. Não somente fala dela e a explica com o uso de comparações e parábolas, mas sobretudo *Ele próprio encarna-a e personifica-a. Ele próprio é, em certo sentido, a misericórdia.*”¹⁴⁰

O texto que utilizei como base de estudo foi “A mulher adúltera” porque condensa atitudes, gestos e palavras da maneira misericordiosa de amar de Jesus. Transparece nele o modo inovador que Jesus tinha de se relacionar com pecadores e pessoas excluídas pela sociedade. Jesus mostra à mulher adúltera o amor de Deus, que a todos acolhe e tudo perdoa, reabilitando a pessoa para uma vida nova. Esta passagem que foi incluída no Evangelho de João, não contem um vocabulário específico sobre a misericórdia, o que comprova que a misericórdia de Deus não se circunscreve a uma lei ou a determinado vocabulário, mas ultrapassa-os largamente. Jesus encarnou a misericórdia, ela era parte da Sua essência e por isso irrompia em todas as circunstâncias que a reclamassem.

Ainda neste episódio se percebe que o perdão de Deus é oferecido a todas as pessoas, sem exceção. É surpreendente a inovação de Jesus quando oferece esse perdão, totalmente gratuito, sem exigir prévio arrependimento ou mudança de vida do pecador. Através do amor e da confiança nas pessoas, Jesus proporciona-lhes uma profunda e verdadeira conversão.

As parábolas e as passagens da vida de Jesus abordadas ao longo deste estudo, foram demonstrando que Jesus tinha um coração compassivo, que se aproximava e cuidava com uma atenção especial dos mais carentes, desfavorecidos e excluídos pela sociedade. Esta atitude deixava a assistência umas vezes escandalizada, outras emocionada e cheia de esperança num mundo novo que começava a surgir. Estes episódios continuam a tocar-nos profundamente. Partilho as palavras de J.M. Castillo: “A genialidade do Evangelho radica na *genialidade de Jesus*. Mais concretamente, na *sensibilidade de Jesus*. Uma sensibilidade que se centrou na dor humana, no sofrimento das pessoas, na desgraça e na felicidade dos seres

¹⁴⁰ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 2.

humanos. Isso foi o que de verdade importou e interessou a Jesus.”¹⁴¹ Na relação com Deus, com os outros e conosco próprios está a essência da nossa vida e a misericórdia tem um papel decisivo em todas essas relações. Isto é claramente evidenciado na parábola do “Pai Misericordioso”.

Outra coisa que preocupou Jesus foi que as pessoas vivessem de forma coerente, de acordo com a vontade de Deus e do Seu amor. Muitas teorias havia ao tempo de Jesus sobre a misericórdia de Deus, em Jesus tornaram-se efetivas e visíveis. Por isso na parábola do “Bom samaritano” Jesus propôs ao doutor da lei, que fizesse o mesmo que o samaritano, isto é, que pusesse em prática a misericórdia, pois o fato de conhecer a lei não significava que a pusesse em prática. Essa lei falava do amor a Deus e ao próximo. Jesus levou-a a um extremo absolutamente novo, no que toca à misericórdia, pois mudou os horizontes de “próximo” e acrescentou o amor aos inimigos. Este ensinamento talvez seja o cúmulo do amor misericordioso, sendo “mais divino que humano”, no dizer de S. Boaventura. Nesta linha, no final do sermão da planície, no Evangelho de Lucas, Jesus exorta os ouvintes a serem misericordiosos como o Pai. Esta perfeição do amor que se atinge através da misericórdia é uma meta difícil de alcançar, mas para aqueles que querem seguir Jesus é caminho de vida e impõe-se em nome da identidade cristã.¹⁴² Acredito também que é condição para a verdadeira felicidade, como Jesus refere quando anuncia nas “Bem-Aventuranças”: “Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5, 7).

Deus é sempre o primeiro a amar e nós poderemos amar com misericórdia se nos deixarmos primeiro amar e regenerar por Ele (cf. 1 Jo 4, 19). A misericórdia de Deus precede a nossa e torna-a possível. Para isso, também é necessário deixarmo-nos amar na nossa miséria e entregá-la a Jesus. Quando Ele nos diz: “Amai-vos como Eu vos amei” (cf. Jo 13, 34), significa também “porque Eu vos amei”, ou seja, a experiência do Seu amor e da Sua misericórdia possibilitam em nós uma maneira de amar que nos vai transformando aos poucos no que Ele quer para todos: que sejamos filhos de Deus e irmãos de todos os homens e mulheres. Temos o “poder” que nos foi dado por Jesus, de fazer crescer a pequena semente que um dia se tornará uma grande árvore, um novo mundo por Ele inaugurado e ao qual chamou o reino de Deus.

¹⁴¹ J.M. CASTILLO, *Víctimas del pecado*, 217.

¹⁴² J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 228.

BIBLIOGRAFIA

I - Fontes:

BÍBLIA SAGRADA, Franciscanos Capuchinhos, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 1998.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, Paulus, S. Paulo, 2004.

II – Instrumentos de Trabalho:

CAMBIER, J., “Misericórdia”, in DÍEZ MACHO, A. – BARTINA, S. (Dirs.), *Enciclopedia de la Biblia*, Vol V, Garriga, Barcelona, 1965, 182-187.

ESSER, H. –H., “Misericórdia”, in COENEN, L., BEYREUTHER, E., BIETENHARD, H. (Eds.), *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*, Vol. III, Sígueme, Salamanca, 1983, 99-106.

LÉON-DUFOUR, X. - CAMBIER, J., “Misericórdia”, in LÉON-DUFOUR, X., *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Vozes, Petrópolis, R. J., 1972, 594-598.

PIKAZA, X., *Diccionario de la Biblia, Historia y Palabra*, Verbo Divino, Navarra, 2007.

SPICQ, C., *Theological Lexicon of the New Testament*, Vols. I e III, Hendrickson Publishers, Peabody, 1994.

SAKENFELD, K. D., “Love (OT)”, in FREEDMAN, D. N. (Ed.), *The Anchor Bible Dictionary*, Vol. IV, Doubleday, New York, 1992, 375-381.

STAUDINGER, F., “ἔλεος, ους, τό”, in BALZ, H. – SCHNEIDER, G. (Eds.), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento I*, Sígueme, Salamanca, 1996, 1310-1318.

STOEBE, H.J., “חֶסֶד Bondad”, in JENNI, E. – WESTERMANN, C. (Eds.), *Diccionario Teológico manual del Antiguo Testamento*, Vol. I, Cristiandad, Madrid, 1985, 832-861.

WALTER, N., “σπλάγχνον, ου, τό”, in BALZ, H. – SCHNEIDER, G. (Eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento II*, Sígueme, Salamanca, 2012, 1469-1473.

ZOBEL, H.-J., “חֶסֶד ḥesed”, in BOTTERWECK, G. J. (Ed.), *Theological Dictionary of the Old Testament*, Vol. V, Grand Rapids, Michigan, 1986, 44-64.

III - Estudos:

ALMENDRA, L. M. V., “Quem é o meu próximo?”, *Communio* Ano XXVI, nº2 (2009) 145-156.

- BARRETT, C. K., *The Gospel According to St. John*, London, 1955.
- BENTO XVI, *Carta Encíclica Deus é Amor (Deus Caritas Est)*, Paulinas, Lisboa, 2006.
- BROWN, R. E., *The Gospel According to John*, Doubleday & Company, New York, 1966.
- CARVALHO, J. C., “Do Deus da Justiça ao Deus da misericórdia”, *Bíblica, série científica* Ano XV (2006) 65-98.
- CARVALHO, J. C., “O Jesus da história entre a lei e o amor”, *Didaskalia*, Volume LXI, 1 (2011) 235-255.
- CULPEPPER, R. A., “The Gospel of Luke: Introduction, Commentary, and Reflections”, in *The New Interpreter’s Bible IX*, Abingdon Press, Nashville, 1995.
- DERRETT, J. D. M., “Law in The New Testament: The Story of the Woman taken in Adultery”, *NTS* 10 (1964) 1-26.
- DEVILLERS, L., *Études Bibliques – La fête de L’Envoyé – La Section Johannique de la Fête des Tentés (Jean 7, 1-10, 21) et la Christologie*, J. Gabalda et Cie, Paris, 2002.
- DUMAIS, M., *Le Sermon sur la Montagne (Matthieu 5-7)*, (Cahiers Évangile 94), Cerf, Paris, 1996.
- ESCAFFRE, B., *Évangile de Jésus Christ Selon Saint Jean. 1- Le Livre des Signes (Jn 1-12)*, (Cahiers Évangile 145), Cerf, Paris, 2008.
- GNILKA, J., *Jesus de Nazaré: Mensagem e história*, Presença, Lisboa, 1999.
- JANEIRO, M. A. P., “A parábola do bom samaritano, hoje”, *Bíblica, série científica* Ano XV (2006) 47-64.
- JOAO PAULO II, *Carta Encíclica Rico em Misericórdia (Dives in Misericordia)*, Editorial A.O., Braga, 1986.
- KASPER, W., *La misericordia: Clave del Evangelio y de la vida cristiana*, Sal Terrae, Santander, 2012.
- KONINGS, J., *Evangelho Segundo João, Amor e fidelidade*, Loyola, São Paulo, 2005.
- LATOURELLE, R., *Milagros de Jesus y Teologia del Milagro*, Sígueme, Salamanca, 1990.
- LÉON-DUFOUR, X., *Lecture de L’Évangile Selon Jean*, Tome II, (chapitres 5-12), Éditions du Seuil, Paris, 1990.
- MARCHADOUR, A., “Venez et vous verrez” *L’Évangile de Jean*, Bayard, 2011.
- MATEOS, J.- BARRETO, J., *El Evangelio de Juan*, Cristiandad, Madrid, 1979.

- MEIER, J. P., *Un Certain Juif Jésus: Les Données de L'histoire: IV La Loi et l'amour*, Cerf, Paris, 2009.
- MORRIS, L., *The Gospel According to John*, Marshall, Morgan & Scott, London, 1971.
- MUJICA, H., *Kénosis: Sabiduría y compasión en los Evangelios*, Marea, Buenos Aires, 2009.
- NEVES, J. C. das, *Escritos de S. João*, Universidade Católica, Lisboa, 2004.
- O'DAY, G. R., "The Gospel of John: Introduction, Commentary, and Reflections", in *The New Interpreter's Bible IX*, Abingdon Press, Nashville 1995.
- PAGOLA, J. A., *Jesús: Aproximación histórica*, PPC, Madrid, 2007.
- SANDERS, J. N., *A Commentary on The Gospel According to St. John*, Adam & Charles Black, London, 1968.
- SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio Según San Juan, II* (capitulos 5-12), Herder, Barcelona, 1980.
- TURIOT, C., *Lectures Figuratives de la Bible*, (Cahiers Évangile 139), Cerf, Paris, 2007
- VAZ, A. S., "Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai", *Bíblica, série científica* Ano XV (2006) 113-130.